



**estudos
estudos
estudos**

*Forget six counties overhung with smoke,
Forget the snorting steam and piston stroke,
Forget the spreading of the hideous town;
Think rather of the pack-horse on the down,
And dream of London, small and white and clean,
The clear Thames bordered by its gardens green*.*

WILLIAM MORRIS,
The Earthly Paradise (1868)

Que cada amanhecer vos seja como o início da vida, e cada anoitecer como o seu término: – e em cada uma dessas curtas vidas, com firmeza se grave alguma boa ação que praticastes – alguma força ingente, algum novo saber adquiridos; e assim, com o correr dos dias e o acumular das forças, em verdade erguereis, pela Arte, pelo Pensamento e pela Retidão, uma Eclésia da Inglaterra, da qual não se dirá “Vede que pedras há aqui”, mas “Vede que homens”.

JOHN RUSKIN,
Lectures on Art (1870)

4. A Cidade no Jardim

**A Solução Cidade-Jardim: Londres,
Paris, Berlim, Nova York
(1900-1940)**

Irrita mas precisa ser dito: a despeito do denodo dos demais competidores, Ebenezer Howard (1850-1928) leva a palma como a mais importante e singular personalidade de toda esta história. Pois então tratemo-lo com justiça; já que quase todos fizeram exatamente o oposto. Muitos dos que se declararam seus críticos têm julgado, vez por outra erradamente, quase todas as suas bandeiras de luta. Chamavam-no de "planejador" com o intuito de depreciá-lo, e no entanto ele ganhava a vida como taquígrafo. Diziam que advogava o planejamento-pradaria, de baixa densidade; na verdade, sua cidade-jardim deveria comportar densidades semelhantes às da própria cidade de Londres, que – segundo iriam afinal reconhecer urbanistas posteriores – exigiriam a edificação de altos prédios para se tornarem viáveis. Confundiam essa cidade-jardim com o subúrbio-jardim que se podia ver em Hampstead e imitações sem conta – devendo-se, força é confessar, a Raymond Unwin, um de seus principais lugartenentes a razão desse equívoco. Há quem pense, ainda hoje, que seu intento era confinar as pessoas em cidadezinhas isoladas em pleno campo, quando ele simplesmente propunha o planejamento de conurbações com centenas de milhares, quiçá milhões de habitantes. Acusam-no de querer mover pessoas como se fossem peões de um tabuleiro de xadrez, quando na verdade ele sonhava com comunidades constituídas por vontade própria e autogovernadas. Mas o maior dos enganos foi vê-lo como um planejador físico, esquecendo que suas cidades-jardim eram meros veículos para a reconstrução progressiva da sociedade capitalista dentro de uma infinidade de comunidades cooperativas.

Não há por que se queixarem de que ele lhes tenha dificultado o caminho. Nos seus 78 anos de existência escreveu apenas um livro e de poucas páginas. Publicado em 1898 com o título *To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform* (*Amanhã: Um Caminho Tranquilo para a Reforma Autêntica*), ganhou nova edição em 1902 com o título de *Garden Cities of To-morrow*, o que talvez atraísse como isca, mas desviou o público do caráter verdadeiramente radical da mensagem, rebaixando o autor de visionário social a planejador físico.

AS FONTES DAS IDÉIAS HOWARDIANAS

Para melhor apreciarmos a contribuição de Howard, é mister que o situemos no seu tempo. Suas idéias, ele as desenvolveu na Londres de 1880 e 1890, época de fermentação radicalista que descrevemos no Capítulo 1. Pensador eclético, manipulou livremente as idéias que então circulavam¹. Mas outras e mais antigas influências nele se fazem presente. Nascido na City de Londres em 1850 – fato comemorado em placa afixada na ponta extrema da imensa reurbanização do Barbican – que certamente não seria de seu agrado* –, cresceu em cidadezinhas interioranas do Sul e Leste da Inglaterra: Sudbury, Ipswich, Cheshunt. Ao completar 21 anos, emigrou para a América e foi ser pioneiro no Nebraska. Sua experiência como agricultor foi um desastre e, de 1872 a 1876, passou a morar em Chicago, começando a trabalhar como taquígrafo, profissão que exerceu pelo resto da vida.

Pouco sabemos desses anos, mas devem ter sido importantes para ele. Como fazendeiro de fronteira vivenciou a Lei de Distribuição de Terras de 1862, que cedeu gratuitamente campinas e planícies aos pioneiros, estabelecendo, assim, uma economia e uma sociedade de prósperas fazendas e pequenas cidades, e um sistema educacional voltado para o progresso técnico da agricultura e das artes mecânicas. Em seguida, como habitante de Chicago, presenciou a reconstrução da cidade após o incêndio de 1871. Naqueles dias que antecederam a era dos arranha-céus, Chicago era universalmente conhecida como a cidade-jardim: origem quase certa do mais conhecido dos títulos de Howard. Ele deve ter visto o novo subúrbio-jardim de Riverside, projetado pelo grande arquiteto-paisagista Fre-

* Iniciada em 1952 e concluída em 1980 pelo GLC, a reurbanização do Barbican (área de 60 hectares em plena "City" londrina) compreende 2 100 moradias para 6 500 habitantes, além de escritórios, escolas, lojas, centros recreativos, teatros e cinemas. Assinado por vários arquitetos e urbanistas, entre os quais Peter Hall, o projeto é, até hoje, alvo de críticas e chacotas por parte da população em geral. (N. da T.)



4.1 Ebenezer Howard

O grande homem reduzido à modesta humildade (ou estupefação) por um orador desconhecido. O público presente parece partilhar sua reação. Fotografado provavelmente em Welwyn Garden City.

derick Law Olmsted, erguer-se às margens do Rio Des Plaines, a uma distância de 9 milhas da cidade².

De volta à Inglaterra, pôs-se seriamente a meditar e a ler. Mais tarde, no livro, foi taxativo ao declarar que todas as idéias centrais haviam sido pensadas originalmente por ele, mas que em seguida conhecera outros autores que lhe haviam fornecido os detalhes. Não há dúvida, porém, que houve montes de precursores. Edward Gibbon Wakefield, cinquenta anos antes, desenvolvera a idéia de uma colonização planejada para os pobres. Segundo o esquema por ele promovido, o célebre esquema do Coronel Light para Adelaide no sul da Austrália, tão logo uma cidade atingisse determinado tamanho, dever-se-ia começar uma segunda, separada da anterior por um cinturão verde: origem do conceito de cidade social, admitia Howard. O plano de James Silk Buckingham para uma cidade-modelo deu-lhe a maioria dos traços básicos para o seu diagrama de cidade-jardim: a praça central, as avenidas radiais e as indústrias periféricas. Povoados industriais que foram pioneiros no campo, como Port Sunlight, de Lever, perto de Liverpool, e Bournville, de Cadbury, nos arredores de Birmingham, forneceram-lhe não só um modelo físico como uma ilustração prática de descentralização industrial bem-sucedida a partir da cidade superpovoada.

O economista Alfred Marshall, num artigo de 1884, sugerira que havia “amplos setores da população de Londres cuja remoção para o campo seria, a longo prazo, economicamente vantajosa – beneficiando por igual tanto os que se mudavam quanto os que ficavam para trás”³. Seu raciocínio baseava-se no fato de que novas tecnologias iriam viabilizar essa dispersão – idéia retomada pelo anarquista Piotr Kropotkin em seu *Fields, Factories and Workshops* (*Campos, Fábricas e Oficinas*), de 1898, e que certamente influenciou Howard. Marshall chegava mesmo a sugerir o mecanismo:

O plano geral seria o de um comitê formado, especificamente ou não, para esse fim, e a cujos membros interesse a formação de uma colônia em algum lugar bem afastado do alcance da fumaça de Londres. Depois de verem como aí comprar ou construir chalés adequados, entrariam eles em contato com alguns trabalhadores empregados em atividades de baixa remuneração⁴.

Charles Booth, a braços com o problema de sua Classe B pobre, “o ponto crucial do problema social”, tinha uma versão paternalista para a mesma resposta: afastá-los do poder operário mediante a formação de colônias operárias, “uma extensão da Lei dos Pobres”, nos arrabaldes de Londres:

Minha idéia é que se deva permitir que essas pessoas vivam como famílias em grupos industriais, implantados onde quer que a terra e os materiais de construção

sejam baratos; que fiquem bem alojadas, bem alimentadas e bem aquecidas; que recebam instrução, treinamento e, de manhã à noite, apliquem-se ao trabalho, dentro ou fora de casa, por conta própria ou a expensas do governo; na construção de suas próprias moradias, no cultivo da terra, na confecção de roupas ou no fabrico do mobiliário. Que em troca do trabalho realizado deve o governo fornecer materiais e tudo o mais que for necessário⁵.

Booth admitiu que se tratava de uma solução draconiana: “Possivelmente esse tipo de vida não seria dos mais atraentes” e “toda a dificuldade está em induzir ou compelir essa gente a aceitar uma vida normatizada”⁶. Seu xará, mas não parente, o general William Booth, do Exército da Salvação, estava igualmente advogando o agrupamento dos carentes em colônias de pequenas propriedades agrícolas e pequenas indústrias, a uma distância razoável de Londres, mas longe o suficiente de qualquer cidade ou povoado, a fim de escaparem à influência do botequim, “esse upas da civilização”⁷: figura que Howard endossou em seu livro e, a seguir, impôs ao ressequido Letchworth, onde a Taberna Skittles oferecia diversões singelas e conversa sadia regadas a limonada e cerveja de gengibre.

A Comissão Toynbee, do cônego Barnett, de 1892, seguiu tradição idêntica ao clamar por “arregimentações industriais” para o “*residuum* corrompido”, ao qual forneceriam “trabalho compulsório sob um regime disciplinar humano”: solução posteriormente adotada pela Fabian Society⁸. Mas Howard, na esteira de Marshall, não via suas cidades-jardim como colônias para os pobres indignos. Pelo contrário: elas deveriam ser fundadas e administradas pelo *stratum* imediatamente superior – a Classe C de Charles Booth –, que assim se haveria de libertar da servidão do cortiço urbano. Sua solução não era paternalista – fora, talvez, algumas poucas nuances residuais; ao contrário, estava firmemente assentada na tradição anarquista.

As dívidas intelectuais de Howard não terminam por aqui. De Herbert Spencer tirou ele a idéia da nacionalização da terra, e a seguir, de um esquecido predecessor, Thomas Spence, revelou uma variante superior: a aquisição, por uma comunidade, de glebas de plantio pelo valor fundiário, que, ao elevar-se em decorrência da construção de uma cidade, reverte automaticamente para os cofres dessa comunidade. Na verdade, cada uma de suas idéias pode ser encontrada no passado e, com freqüência, repetida à exaustão: Ledoux, Owen, Pemberton, Buckingham e Kropotkin, todos projetaram cidades para populações limitadas, circundadas por cinturões verdes de terras cultivadas; More, Saint-Simon, Fourier, todos projetaram cidades como elementos de um complexo regional⁹; Marshall e Kropotkin viram o impacto que o desenvolvimento tecnológico produzia sobre a localização das indústrias, sendo que Kropotkin e Edward Bellamy também perceberam que isso iria favorecer as pequenas

oficinas. Mas embora atraído pelo sucesso de livraria que era o *Looking Backward* (*Olhando para Trás*, 1888), de Bellamy, Howard não aceitou seu gerenciamento socialista centralizado e sua insistência em subordinar o indivíduo ao grupo, que ele considerava como manifestações de autoritarismo¹⁰.

De maneira mais ampla, Howard não pôde escapar à influência do Movimento Regresso à Terra, que – alimentado pelo espírito saudosista, por motivos aparentemente religiosos e convenções antivitorianas – floresceu em meio à *intelligentsia* entre 1880 e 1914: genuíno movimento alternativo, similar, sob vários aspectos, aos movimentos irrompidos em 1960 e 1970¹¹. Pelo menos 28 comunidades desse tipo podem ser rastreadas no século XIX, mas de todas elas apenas cinco ou seis eram rurais; seus habitantes incluíam socialistas utópicos, socialistas agrários, membros de seitas religiosas e anarquistas. Poucas foram as que sobreviveram por muito tempo, ainda que por vezes suas instalações, travestidas, continuem de pé: Heronsgate, fundada pelos cartistas em Hertfordshire após a derrota de suas propostas políticas em 1848, é hoje uma moderna comunidade de corretores da Bolsa perto da Rodovia¹². Por trás dessas manifestações articulava-se um movimento muito mais amplo, bem representado por escritores como Morris e Ruskin, que se empenhavam em repelir as pompas mais grosseiras da industrialização e voltar a uma vida mais simples, centrada em artesanato e comunidade. Portanto, como escreveu Howard, a idéia de construção comunitária estava no ar e por toda a parte.

A CIDADE-JARDIM E A CIDADE SOCIAL

Os ingredientes, por conseguinte, nada tinham de original. O que Howard podia reclamar como dele – e reclamou, num título de capítulo – foi que era sua essa combinação única de propostas. A começar pelo famoso diagrama dos Três Ímãs. Hoje ele encanta por seu sabor arcaico, sobretudo na versão colorida da primeira edição. Mas despacha, numa única página, um conjunto de complexos argumentos que, se explanados no jargão moderno, necessitariam de muito mais espaço. A encortiçada cidade vitoriana era, sem sombra de dúvida e sob vários aspectos, um lugar horróreo; mas oferecia oportunidades econômicas e sociais, luzes e multidões. O campo de fins do período vitoriano, atualmente encarado por um viés excessivamente sentimental, era de fato igualmente inaceitável: embora promettesse ar puro e natureza, tinha seu desenvolvimento travado pela depressão na agricultura e não oferecia nem trabalho nem salários suficientes, nem vida social adequada. Foi possível, porém,

esquadrar o círculo, combinando o que havia de melhor em matéria de cidade e campo num novo tipo de instalação, a cidade-campo.

Com essa meta, um grupo de indivíduos – em que necessariamente estariam incluídos vários com competência e crédito comerciais – deveria organizar uma companhia de dividendos limitados, tomando dinheiro emprestado para implantar uma cidade-jardim no campo, longe da cidade o suficiente para garantir que a terra fosse comprada a preços mínimos, achatados pela depressão agrícola. Incumbir-se-ia também de interessar os capitães de indústria em transferir para ali as suas fábricas; e com elas, os operários que construiriam suas próprias casas. A cidade-jardim teria um limite fixo – Howard sugeriu 32 000 habitantes para 1 000 acres de terra, perto de uma vez e meia mais que a cidade histórico-medieval de Londres. A seu redor, uma área muito mais larga de cinturão verde perene, também de propriedade da companhia – Howard propôs 5 000 acres –, conteria não só granjas, mas também toda espécie de instituições urbanas, tais como reformatórios e casas de repouso, que só teriam a ganhar com uma localização rural.

A crescente transferência de pessoas para o lugar faria com que a cidade-jardim atingisse o limite planejado; e então começar-se-ia outra, a pouca distância dali. Assim, com o tempo, desenvolver-se-ia um vasto e planejado conglomerado que entraria num processo de expansão quase sem limites; dentro dele, cada cidade-jardim ofereceria um campo aberto de empregos e serviços, mas também estaria ligada às demais por um rápido sistema de transporte (privilegiando-se uma ferrovia intermunicipal, como a denominava Howard), o que proporcionaria todas as oportunidades econômicas e sociais da cidade grande. Howard deu a essa visão policêntrica o nome de cidade social. E porque o diagrama apareceu truncado na segunda edição e nas subseqüentes, não puderam os leitores compreender que esse conglomerado de cidades-jardim, e não a cidade-jardim individualizada, é que constituía a realização física da cidade-campo: o terceiro ímã.

Não se tratava, porém, apenas de um projeto físico em fotocópia azul. As últimas palavras, logo abaixo do terceiro ímã – LIBERDADE, COOPERAÇÃO –, não são apenas retórica; são o coração do plano. Conforme adianta, acertadamente, Lewis Mumford em sua introdução ao livro (1946), Howard estava muito menos interessado em formas físicas do que em processos sociais¹³. A chave de tudo estava em que os cidadãos seriam proprietários perpétuos da terra.

Outro colorido diagrama, presente na primeira edição, fora omitido nas edições posteriores com terríveis conseqüências para a compreensão da mensagem de Howard: intitulado “O Ponto de Fuga do Arrendamento da Terra”, esse gráfico ilustra como, à medida que

subissem os valores do solo urbano na cidade-jardim, eles refluiriam para a comunidade. Os cidadãos desembolsariam uma modesta taxa-aluguel por suas casas ou fábricas ou granjas, taxa essa suficiente não só para cobrir os juros sobre o dinheiro inicialmente emprestado, como para prover um fundo de amortização para reembolso do capital e que, em seguida – progressivamente, à medida que o dinheiro fosse devolvido –, proveria fundos abundantes para a criação de um sistema previdenciário local, tudo sem necessidade de apelar para uma taxa local ou central, e sob a responsabilidade direta dos cidadãos do lugar. Com isso poder-se-ia, sobretudo,

criar folgadas aposentadorias para os nossos idosos pobres, atualmente aprisionados em asilos; banir o desespero e despertar a esperança nos corações daqueles que erraram; silenciar a acerba voz da ira, e despertar as notas suaves da fraternidade e da boa-vontade¹⁴.

Howard pôde, assim, argumentar que seu sistema constituía um terceiro sistema socioeconômico, superior tanto ao capitalismo vitoriano quanto ao socialismo centralizador e burocrático. Suas tônicas seriam: gerenciamento local e autogoverno. Os serviços seriam fornecidos pela municipalidade, ou pela iniciativa privada desde que comprovadamente mais eficiente. Outros seriam prestados pelas próprias pessoas, numa série do que Howard chamou de experimentos promunicipais. Particularizando: as pessoas construiriam suas próprias casas com capital fornecido por sociedades construtoras, associações de ajuda mútua, cooperativas ou sindicatos. E essa atividade passaria, em troca, a dirigir a economia; quarenta anos antes de John Maynard Keynes ou de Franklin Delano Roosevelt, Howard chegara à conclusão de que a sociedade poderia sair de uma recessão às suas próprias custas.

Ela o faria, contudo, sem a intervenção central e em grande escala do Estado. O plano de Howard devia realizar-se através de milhares de pequenas empresas: todo homem e toda mulher seriam um artesão, um empresário. O projeto convocaria, dizia ele,

os insígnos talentos de engenheiros de todo tipo, de arquitetos, artistas, médicos, sanitaristas, paisagistas de jardins, agrônomos, inspetores, construtores, fabricantes, comerciantes e financistas, organizadores de sindicatos, sociedades de ajuda mútua e cooperativas, tanto quanto das mais simples formas de trabalho não-qualificado, agregadas a todas aquelas formas intermediárias que requerem menor habilidade e talento¹⁵.

Visão tipicamente norte-americana: o espírito doméstico trazido de volta à Inglaterra industrial. Mas um doméstico equipado pela nova tecnologia a fim de criar uma nova ordem socioeconômica:

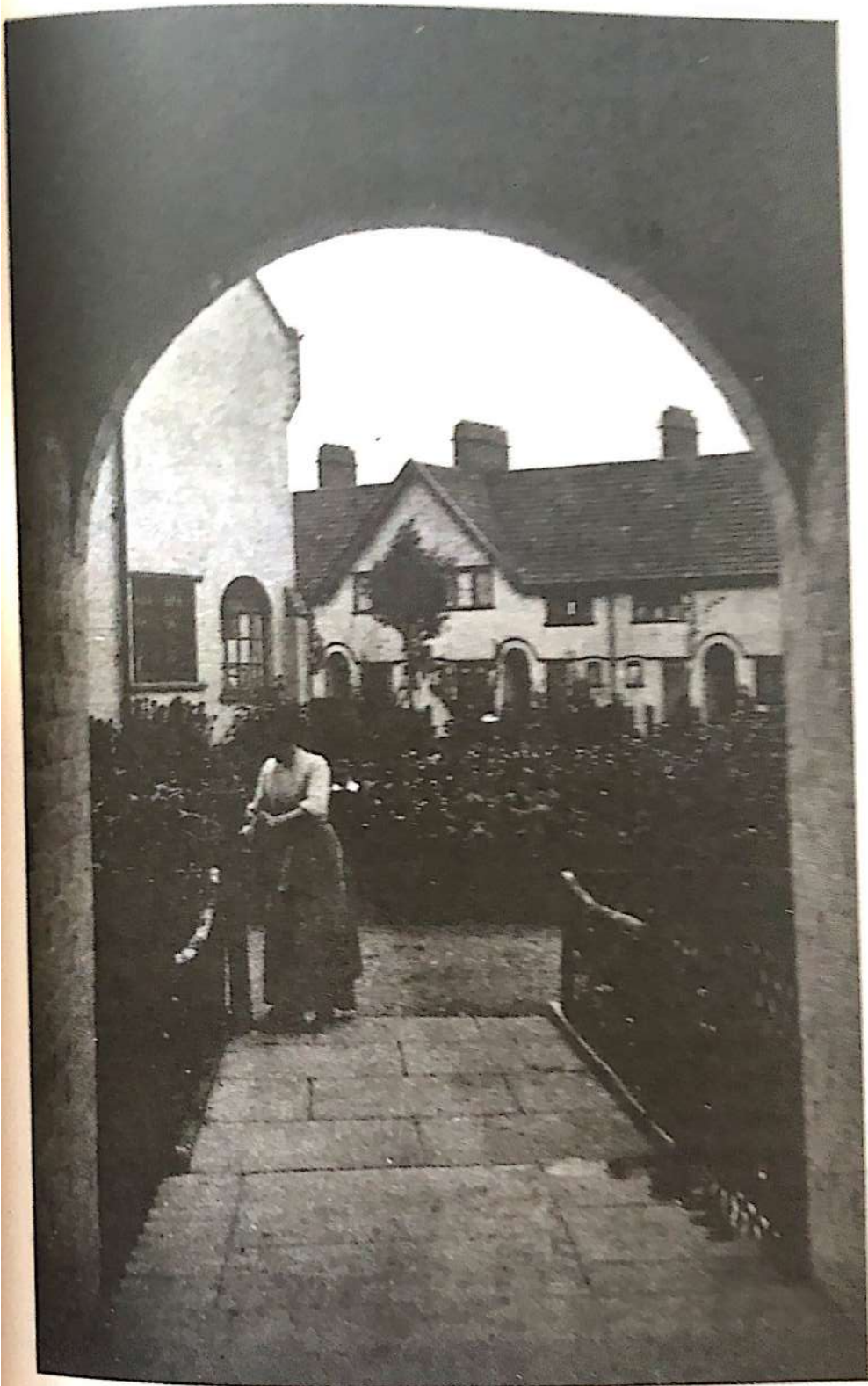
notável visão, quando mais não seja pela surpreendente modernidade de que dá provas ainda hoje, quase um século depois.

LETCHWORTH E HAMPSTEAD: UNWIN E PARKER

Howard foi, portanto, um sonhador de grandes sonhos, e também foi mais que isso: foi, quintessencialmente, um homem de ação. O leitor de hoje, ao compulsar seu livro, surpreende-se vendo que grande parte dele são páginas de cálculos financeiros; Howard escrevia não para utopistas amantes da vida simples, mas para empedernidos negociantes vitorianos que queriam estar seguros de ter o dinheiro deles de volta. Um dos muitos aspectos brilhantes de seu plano estava no fato de que podia realizar-se incrementalmente através de uma série de iniciativas isoladas e locais que, progressivamente, se reforçariam umas às outras. Assim, oito meses após a publicação do livro, Howard tomou a iniciativa de organizar uma Garden City Association para discutir suas idéias, e "por último, formular um esquema prático baseado nas linhas do projeto com todas as modificações que parecessem desejáveis"; cuidou para que fosse politicamente bipartidária e incluísse industriais, comerciantes e financistas bem como cooperativistas, artistas e eclesiásticos¹⁶. Um ano mais tarde, em 1900, decidia-se a formação da First Garden City, Limited, com capital de 50 000 libras e 5% de dividendos; dois anos depois, a Garden City Pioneer Company era registrada com um capital de 20 000 libras para fazer o levantamento dos locais adequados¹⁷.

Os diretores da Pioneer Company estipularam critérios absolutamente dentro da linha de Howard: local de 4 000 a 6 000 acres, com boas conexões ferroviárias, abastecimento de água satisfatório e boa drenagem. O sítio favorito, Cartley Castle, a leste de Stafford, foi rejeitado por ser muito longe de Londres. Letchworth, a 34 milhas de Londres, situado numa área severamente afetada pela depressão agrícola e de terra barata, satisfez os critérios e – após delicadas e secretas negociações com quinze proprietários – o local de 3 818 acres foi comprado por 155 587 libras. A First Garden City Company foi registrada no dia 1º de setembro de 1903 com um capital de 300 000 libras, das quais 80 000 deviam ser levantadas de imediato e com dividendos de 5%¹⁸.

Tudo caminhava com lentidão. Levou um ano até mesmo para que se levantassem as 148 000 libras necessárias para cobrir o preço da compra. Os primeiros lucros vieram em 1912. Foi difícil atrair a indústria; a maior das vitórias foi quando se conseguiu a adesão das oficinas de impressão e encadernação de J. M. Dent, um dos mais



4.3 *New Earswick*

Um clássico projeto Unwin-Parker tenta, ao redor de espaço verde fechado, resgatar a qualidade comunal do quadrângulo medieval.

importantes editores da época¹⁹. Assim, os primeiros moradores foram aqueles idealistas típicos da classe média, artistas que deram a Letchworth uma permanente reputação de excentricidade que ela mais tarde deixou de merecer: "Viveu aqui toda uma colônia de excêntricos exibicionistas, próxima demais de nossas sagradas fronteiras. Nosso desejo era que transferissem sua doida cidade um pouco mais para perto de Arlesley"²⁰. Arlesley era uma instituição psiquiátrica da localidade. Sem dúvida o exagero era grande, mas houve chão para suspeitas. No Cloisters, um colégio interno onde os alunos dormiam em redes separadas por telas de lona e dispostas em feradura ao redor de uma fonte de mármore, plantava-se trigo segundo o que se pensava serem os princípios de Kropotkin, recebendo, cada grão, uma atenção individual; o resultado foi uma colheita farta em ervas daninhas e cardos²¹.

Logo, porém, os excêntricos classe média do início foram suplantados pelos trabalhadores de colarinho azul que passaram a constituir a *raison d'être* da cidade-jardim. Mas estes, por uma curiosa ironia, ao invés de participarem do espírito cooperativista do empreendimento, optaram pelo sindicalismo e pelo socialismo²². Muitos, num desdobramento temperado de ironia muito especial, juntaram-se aos moradores do vizinho subúrbio-dormitório de Hitchin, na grande fábrica Spirella, "para fazerem espartilhos que as mulheres de Letchworth obviamente nunca usam, mas que seus maridos vendem com grandes lucros às mulheres menos esclarecidas de outras cidades"²³.

A tudo isso, porém, sobreviveu a essência da visão howardiana. A cidade começou a pagar dividendos depois de uma década; continuou a crescer, mais devagar do que esperavam seus promotores, até atingir os 15 000 habitantes – menos da metade da quota planejada – em 1938; depois da Segunda Guerra, com o auxílio dos esquemas de descentralização subsidiados pelo governo, foi afinal concluída, numa escala ligeiramente menor que a que se planejava de início. Ironicamente foi nesse momento que se tornou vítima da especulação imobiliária, da qual foi salva por um Ato do Parlamento de 1962 que colocou sua direção nas mãos de uma corporação especialmente organizada para ela²⁴. Mas acima de tudo foi nas mãos de Raymond Unwin (1863-1940) e Barry Parker (1867-1947) que encontrou sua perfeita realização física. Na verdade, perfeita até demais; a arquitetura Unwin-Parker vestiu o esqueleto Howard de maneira tão memorável que, para todo o sempre, foi difícil distinguir-se este daquela.

Para compreendermos o que Unwin e Parker realizaram de forma tão memorável, aqui e em Hampstead, bem como em outros lugares, é mister situá-los num contexto de lugar, tempo e cultura.

Unwin nasceu em 1863, Parker em 1867, em localidades distantes doze milhas uma da outra, em Sheffield, norte da Inglaterra; eram primos em segundo grau, e Unwin casou-se com a irmã de Parker. Nenhum deles foi formalmente treinado para arquiteto; Unwin começou como engenheiro, Parker como decorador de interiores. Ambos se desenvolveram dentro de uma intensa fermentação de idéias, decorrente, em grande parte, do pensamento de William Morris que os iria influenciar em todos os seus trabalhos subseqüentes. Acreditavam que a criatividade era fruto de uma compreensão imaginativa do passado; que a Idade Média constituía um marco histórico; que os antigos edifícios brotavam do solo onde se erguiam; que a aldeia era a encarnação orgânica da pequena comunidade, pessoalmente inter-relacionada; que o arquiteto e o planejador urbano eram os guardiães da vida social e estética, mantendo e acentuando os valores tradicionais da comunidade para as gerações futuras²⁵.

Unwin logo se tornou um socialista na linha de William Morris, juntando-se ao grupo Sheffield organizado por Edward Carpenter, um dos fundadores da Fabian Society, onde Kropotkin era interpretado como a união entre ofício artesanal e trabalho intelectual²⁶. Antes de 1900, trabalhou no projeto de chalés para povoados de mineiros em sua região natal²⁷. Daí nasceu o livro *Cottage Homes and Common Sense (Os Conjuntos de Chalés e o Senso Comum, 1902)*, eloqüente defesa da melhoria da habitação para a classe trabalhadora: “Ao que parece, ainda não se percebeu que centenas de milhares de mulheres passam a maior parte de suas vidas sem terem nada de melhor para olhar a não ser a vista lúgubre oferecida por esses quintais, cuja esqualida feiúra não é sequer amenizada por um pedaço de verde viçoso que fale da primavera, ou pela queda de uma folha que revele o outono”. Porém “se, ao invés de desperdiçados em quintais acanhados e sujas ruelas traseiras, os espaços disponíveis das várias casas fossem reunidos num só, teríamos uma praça ou um jardim respeitáveis”; os blocos de chalés, todos corretamente orientados para terem o seu aposento principal devidamente insolado, seriam planejados em torno de “quadrângulos que se abrem um dentro do outro”, à maneira dos conjuntos universitários de Oxford e Cambridge²⁸.

Já naquele ano, Parker e Unwin trabalhavam em uma de suas primeiras e mais importantes encomendas: a aldeia-jardim de New Earswick para a família do chocolate Rowntree, urbanização a ser implantada não como obra assistencial mas como grupo empresarial independente junto da própria fábrica, no extremo norte de York. Aí se encontram, em embrião, muitos dos aspectos que iriam desenvolver-se em tela bem maior, primeiro em Letchworth e, a seguir, em Hampstead. A aldeia acha-se separada da fábrica e da cidade

por um estreito mas nítido cinturão verde, parte natural, parte ocupado por campos de jogos. Os chalés enfileiram-se em blocos compactos e agrupam-se ou em torno de gramados públicos ou ao longo de caminhos para pedestre – antecipando, assim, em mais de um quarto de século, o esquema Radburn –, e mais adiante, à medida que o projeto se desenvolve, em becos. Um prado de aldeia e uma sede comunal avultam como figuras centrais. Por toda a parte, elementos naturais – árvores, um pequeno riacho – integram-se dentro do projeto. New Earswick possui em altíssimo grau aquilo que Parker e Unwin chamavam de “o essencial prioritário na forma e no escopo de qualquer objeto decorativo [...] a repousada quietude”¹²³, qualquer que seja o estado psíquico do visitante, este logo experimenta, ao chegar, uma extraordinária sensação de calma, que emana de uma ordem informal mas natural das coisas, e que tudo permeia. Lindamente preservada, e simpaticamente restaurada segundo as intenções originais de Unwin e Parker, New Earswick é uma pequena jóia que, com seus mais de oitenta anos, deslumbra a vista. Só falhou numa coisa: os padrões do projeto foram tão altos que os assalariados menos favorecidos não puderam arcar com eles. Falha, aliás, de teimosa recorrência.

Em Letchworth, porém, enfrentou-se problema maior e mais complexo. Aqui houve um fato que obrigou a indústria a integrar-se com a habitação: a estrada de ferro cortou em dois o local previamente destinado à zona fabril. Contrariamente ao que acontecera com a modesta sede comunal e a rua de lojas de New Earswick, aqui todo um centro urbano teve de ser planejado. Ao escrever, mais tarde, seu grande manual de planejamento, Unwin analisou à exaustão os planejamentos urbanos do passado, concluindo que tanto as abordagens formais quanto as informais tinham seus méritos. Embora jamais houvesse dúvidas quanto às preferências do mestre pelo informal, Letchworth tem também maior número de elementos formais, tais como avenidas radiais, *ronds-points* e, mais que tudo, a grande e central Praça da Cidade, dominada pelos prédios municipais mais importantes. A solução não satisfaz. Os melhores esquemas de habitação informal são tão bons quanto os de New Earswick, alguns – planejados em torno de enormes espaços semelhantes a prados de aldeia – possivelmente até melhores. E a Fábrica Spirella é um encanto, projetada – talvez para pôr à prova e evitar associações – num *Jugendstil* (estilo juvenil) vienense muito livre. Mas o centro urbano é uma bagunça terrível, com ruas que parecem levar a parte nenhuma, guarnecidas (bem depois de Unwin e Parker terem partido) por uma mistura amorfa do pior neogeorgiano comercial de entreguerras com a breguice ainda pior dos anos 60, tudo agora ligeiramente decadente.

Importa acrescentar que Unwin confessou ainda não conhecer, à época da elaboração do projeto, a obra de Camillo Sitte, *Die Städtebau nach der künstlerischen Grundsätzen* (*A Urbanização segundo as Doutrinas Estéticas*), publicada há cerca de uma década, e onde se dava ênfase às qualidades informais das cidades medievais³⁰, lição que Unwin jamais esqueceria. *Town Planning in Practice* (*Planejamento Urbano na Prática*), publicada em 1909 – apenas meia década depois de Letchworth –, é memorável sobretudo pelos esplêndidos desenhos de velhas cidades e aldeias inglesas, francesas e alemãs, com base nos quais ele desenvolveu seu conhecimento sobre as relações existentes entre edifícios e espaços. Ou melhor, o conhecimento de ambos: pois foram os dois juntos, Unwin e Parker, que elevaram a arte do projeto urbano ao nível de pura genialidade, fazendo com que tudo o mais parecesse medíocre anticlímax. Estipularam eles que sua atividade deveria, antes de mais nada, promover beleza ou deleite, termos que consideravam permutáveis: “Acima de tudo, precisaremos infundir o espírito do artista em nosso trabalho”³¹. Nem por isso, todavia, deixavam de ter em mente as pessoas que iriam viver nos edifícios, passear ou divertir-se nos espaços por eles criados. Chegaram, mesmo, aos mínimos pormenores; boa arquitetura e bom planejamento, para eles, significavam a multiplicação dos detalhes exatos:

Também é preciso que, nos espaços livres, não nos esqueçamos das crianças. O Kinderbank, ou assento baixo para as suas pernas curtas, deve estar sempre presente, e, onde possível, que se providenciem gramados providos de balanços ou gangorras, pequenos lagos para barcos a vela, e de tanques de areia onde elas se possam manter razoavelmente limpas³².

Visavam também a fins sociais. “Tanto no planejamento da cidade quanto do terreno, é importante evitar-se a separação total das diferentes classes de pessoas, o que constitui uma característica da cidade inglesa moderna”³³. Mas na Inglaterra eduardiana, existiam os limites. Tanto em Letchworth como em Hampstead, designaram-se áreas para os “chalés”, afastando-os dos palacetes classe média: perto, mas não perto demais.

Hampstead significou uma guinada decisiva, tanto para o movimento inglês da cidade-jardim quanto para Unwin em particular, pois propunha-se a si mesma não como cidade-jardim, mas como subúrbio-jardim; não tinha indústria e, para os serviços, dependia por completo de uma estação de metrô adjacente, inaugurada exatamente na época em que ela, Hampstead, estava sendo planejada. Por uma questão de justiça e à guisa de registro histórico, é mister que se diga que não foi nem a primeira nem a única no gênero. Ealing Tenants Limited, a primeira cooperativa habitacional de Lon-



4.4 *Letchworth*

O motivo medieval do prado de aldeia, tal como foi interpretado por Parker e Unwin na primeira cidade-jardim.



4.5 *Barry Parker*

Sócio e co-projetista de Unwin em New Earswick, Letchworth e Hampstead; mais tarde é ele que, sozinho, assina o plano para Wythenshawe, de Manchester, a terceira autêntica cidade-jardim da Inglaterra.

dres, fora fundada em 1901 e comprara seus 32 acres – a Propriedade Brentham –, situados na saída da The Mount Avenue, em 1902, antes, portanto, de Letchworth; Unwin e Parker foram contratados para projetar um modelo de aldeia-jardim por volta de 1906, um ano antes de Hampstead lhes ser encomendada³⁴. Era uma aldeia-jardim de subúrbio, que pouco diferia de New Earswick em escala, distinguindo-se, no entanto, pela alta qualidade do projeto, seu inimitável senso de tranqüila domesticidade, seu clube social central – noção emprestada de New Earswick, e sem dúvida do primeiro subúrbio-jardim surgido perto de Bedford Park trinta anos antes – e por seu protocinturão verde formado pelas campinas do vizinho Rio Brent.

Entretanto, o interesse que Ealing suscita não reside apenas no projeto mas também no fato de representar o modo pelo qual se supunha que as cidades-jardim e os subúrbios-jardim deveriam ser construídos: ali estavam, plenamente realizadas, a liberdade e a cooperação pregadas por Howard. Unwin recomendara o cooperativismo habitacional num panfleto de 1901, argumentando que dessa maneira grupos de proprietários em perspectiva poderiam conseguir moradia barata em terra comprada a preços fundiários: novamente, um argumento de Howard. Mas além disso, “as casas poderiam ficar agrupadas, dispondo-se de modo a obter, cada uma delas, insolação adequada e um panorama aberto à sua frente; e algumas porções da terra poderiam manter-se preservadas de qualquer construção, garantindo-se, assim, a permanência dessas paisagens”; haveria espaços comunais destinados à música e à diversão, e também às refeições. Poder-se-iam construir, sugeria ele, grupos de casas em torno de quadrângulos, cada um com seu próprio espaço comunal; em suma, a quintessência daquele espírito medieval de comunidade que Unwin tão sinceramente se empenhava em recuperar³⁵. Unwin tomou assento no comitê executivo da Co-Partnership Tenants Housing Company; ele e Parker implementaram não apenas Ealing, mas também alguns subúrbios nos arrabaldes de Leicester, Cardiff e Stoke-on-Trent³⁶. A Lei de Habitação e Planejamento Urbano de 1909 facultou a “sociedades de utilidade pública” desse tipo a possibilidade de tomarem dinheiro emprestado a juros baixos e, em 1918, havia mais de cem delas³⁷.

Mas Hampstead, indiscutivelmente, era negócio bem maior. Sua genitora foi Dame Henrietta Barnett, a temida esposa do mordomo de Toynbee Hall. Ambos tinham uma casa de fim de semana em Hampstead e, em 1896, ouviram falar sobre um plano de construir uma nova estação de metrô ali ao lado. (A linha logo se tornou parte do império de Charles Tyson Yerkes.) Em puro estilo inglês classe média, a Sra. Barnett decidiu iniciar uma campanha de compra de

terras para ampliar Hampstead Heath e assim frustrar as ambições imobiliárias dos empreendedores. Depois de uma luta de cinco anos, que envolveu a remessa de 13 000 cartas, os 80 acres do prolongamento de Heath foram comprados pelo LCC por 43 241 libras; a estação do metrô, interrompida quando a construção ia em meio, tornou-se uma das muitas estações-fantasmas do subsolo londrino. Foi quando alguém sugeriu a idéia de um subúrbio-jardim, o que levou a uma nova compra, agora de mais 243 acres da Propriedade Eton College, transação que utilizou 112 000 libras do investimento decorrente do apelo feito em 1907. Imediatamente se montou um grupo empresarial para o fornecimento de 8 000 casas; Unwin e Parker foram os arquitetos escolhidos.

Em seus inícios o subúrbio teve elevados objetivos sociais: segundo palavras de um contemporâneo, este seria um lugar “onde os pobres ensinarão os ricos, e os ricos, assim o esperamos, ajudarão os pobres a se ajudarem a si mesmos”; a primeira planta incluía depósitos para os carrinhos de mão de vendedores ambulantes³⁸. Mas logo o valor das terras e os aluguéis começaram a subir e – como Letchworth, ou como ocorrera anteriormente em Bedford Park – o subúrbio começou a adquirir uma reputação que Dame Henrietta a duras penas conseguia refutar: não era verdade que seus habitantes fossem “todos ‘birutas’, excêntricos de sandálias e sem espartilhos”:

Somos apenas homens e mulheres comuns [...] Alguns têm criados, outros não; alguns são motorizados, outros põem as canelas para trabalhar; uns lêem, uns pintam, alguns são músicos, mas todos trabalhamos, todos nos lavamos (“nenhuma casa, por menor que seja, sem seu banheiro” – vide anúncio) – e todos cuidamos de nossos jardins [...] livres da opressão da riqueza, e capazes de nos encontrarmos no campo mais simples e mais profundo dos interesses comuns e das aspirações partilhadas³⁹.

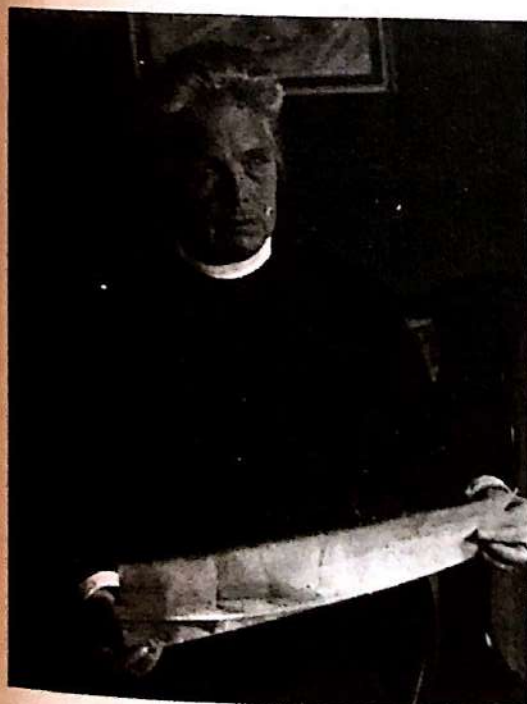
Das três diferentes organizações construtoras responsáveis pelo fornecimento das casas, duas eram cooperativas⁴⁰. Mas o objetivo, “a convivência do dia-a-dia, que em breve iria sanar as desavenças entre as classes”⁴¹, foi frustrado pelo próprio êxito do subúrbio; hoje, até os chalés dos pequenos artesãos estão total e efetivamente elitizados.

O que sobrevive é a qualidade física, sob certos aspectos curiosamente transicional. Unwin já estava então seriamente influenciado por Sitte e por suas próprias andanças germânicas; legislações locais restritivas foram superadas pela utilização de poderes parlamentares especiais⁴². Dessa forma, Unwin viu-se livre para demonstrar, no chão, aquilo que, poucos anos depois, em seu panfleto de enorme repercussão, *Nothing Gained by Overcrowding!*, demonstrou no papel: que um esquema adequado de planejamento poderia propiciar a todos muito mais espaço sem usar mais terreno. O estratagema



4.6 *Ealing Garden Suburb*

A construção em marcha, Denison Road, por volta de 1907.



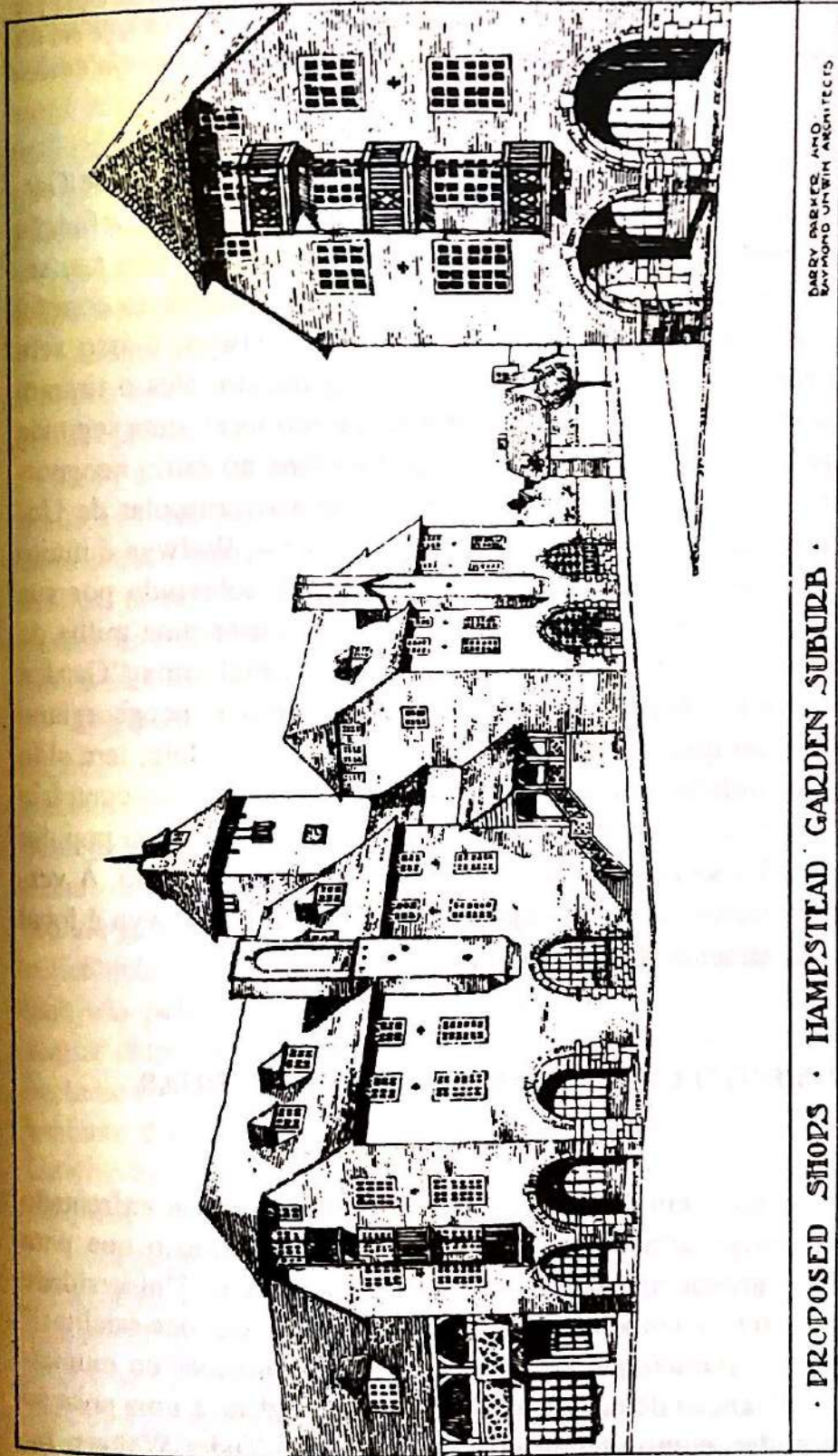
4.7 *Henrietta Barnett*

Dame Henrietta vai à luta: nas mãos, a planta de Hampstead Garden Suburb; nos olhos, fervor moral e zelo reformista.

consistia em reduzir o solo destinado às ruas, dos 40% (típicos do esquema imposto por lei) para 17%, aumentando, assim, a terra disponível para jardins e espaço livre, de 17 para nada menos que 55% da área total⁴³. Essa nova liberdade é praticada em Hampstead para produzir um esquema tipicamente informal, com ruas sinuosas e irregulares, becos e grande variedade de tipos de moradia; o objetivo de Unwin era, com isso, afastar dali o tráfego de veículos, num esquema que até hoje se mantém em toda a sua respeitável tranquilidade⁴⁴. E o projeto lembra, consciente e até mesmo encantadoramente, os modelos medievais germânicos: à frente do prolongamento de Heath, ergue-se uma muralha de casas assentada sobre arcadas; junto à rua das lojas, à beira da Finchley Road, Unwin coloca um enorme portal que parece vindo inteiro, via aérea, da velha Nuremberg.

Mas na Praça da Cidade, situada por vontade expressa da Patrocinadora no ponto mais elevado do subúrbio⁴⁵, bem como nas ruas vizinhas, Unwin acata integralmente as diretrizes de Lutyens, o projetista das duas grandes igrejas e do instituto adjacente. O resultado é um exercício anômalo, pesadamente formal dentro da tradição City Beautiful: vindo de Heath pela entrada principal, o visitante ansioso espera encontrar um pasticho de Rothenburg-ob-der-Tauber, com ruas estreitas que encaminhem para aquelas pracinhas de mercado tão ao gosto do lápis de Unwin. Mas ao invés disso, encontra uma via processional com a suspeita aparência de um anteprojetado de acesso ao palácio do vice-rei, em Nova Delhi (Capítulo 6). E o conceito todo, vasto em escala, curiosamente, jaz sem vida; raramente alguém vai até lá, e a praça parece como que esperar por um Durbar Imperial que não mais ocorrerá. Mas é bem possível, como disse Creese, que a intenção não fosse entreter os habitantes, ou oferecer-lhes divertimento ou compras, e sim, impressioná-los; e isso era o que se pretendia ter conseguido⁴⁶. Mas com a bênção de Unwin; que em Letchworth também teve seus momentos formais.

Hampstead, porém, confundiu inteiramente os fiéis. Desde o início, conforme assinalava Abercrombie em 1910, a Garden City Association teve como objetivos não só a "construção de novas cidades em distritos rurais segundo princípios detidamente estudados", mas também "a criação de subúrbios-jardim assentados em princípios similares, que desafogassem de imediato as cidades existentes", assim como "a construção de aldeias-jardim [...] que alojassem adequadamente as classes trabalhadoras perto de seus empregos"⁴⁷. O problema estava cada vez mais em saber até que ponto o bom não seria inimigo do melhor. Hampstead, nas mãos de Unwin e Parker, era admissível, até mesmo recomendável; como presumivelmente o foram a maioria dos doze esquemas, ou quase isso, coordenados pela



4.8 *Hampstead Garden Suburb*

A velha Nuremberg (ou será Rotemburgo?) chega à Finchley Road; produto, muito provavelmente, dos esboços trazidos por Unwin das últimas férias de verão.

Co-Partnership Tenants entre 1901 e a Primeira Grande Guerra⁴⁸; o problema surgiu com “o grande número de esquemas promiscuamente intitulados ‘cidade-jardim’, sem qualquer direito ao nome, visto que seus objetivos eram totalmente estranhos às concepções dos fundadores do movimento”⁴⁹. Após a guerra, C. B. Purdom, o novo editor da revista da Associação, queixava-se:

Difícilmente se encontra um distrito no qual o conselho local não proclame estar construindo uma, e construtores inescrupulosos exibem essa denominação por toda a parte em seus anúncios [...] A coisa propriamente dita não se vê hoje em dia em parte alguma, a não ser no Hertfordshire, em Letchworth e Welwyn Garden City⁵⁰.

Em 1919, a Associação – agora rebatizada com o nome de Garden Cities and Town Planning Association – adotava uma definição cuidadosamente restritiva da “coisa propriamente dita”; no ano seguinte, atrapalhados com a compra feita por Howard, então com 69 anos, de uma enorme extensão de terra em Welwyn, e isso sem consulta prévia e sem o dinheiro para o pagamento, eles o tiraram da cadeia sob fiança e começaram, nesse mesmo local, uma segunda cidade-jardim⁵¹. Projetada por Louis de Soissons no estilo neogeorgiano, que por essa época varrera de cena o neovernacular de Unwin-Parker – do qual o próprio Unwin desertara –, Welwyn é muito mais formal do que Letchworth ou Hampstead, sobretudo por sua enorme alameda central, no estilo Lutyens, de quase uma milha de comprimento: espécie de cidade-jardim monumental, uma “Garden City Beautiful”. Mas a arquitetura mostra como o neogeorgiano pode ser ótimo quando cai nas mãos certas, e ele, de fato, tem sido lindamente cuidado; um belo embuste, talvez, visto que, ao contrário do que aconteceu em Letchworth, esse estilo logo se tornou popular entre os usuários classe média, da interligação com o centro. A verdade, por mais herético que seja proclamá-la, é que Welwyn é local muito mais atraente do que Letchworth.

O MOVIMENTO CIDADE-JARDIM ENTRE AS DUAS GUERRAS

Entrementes, em 1918 e 1919, o movimento havia enfrentado uma dupla crise. Em 1912, Unwin já havia cometido o que para muitos foi a grande apostasia: em palestra realizada na Universidade de Manchester, recomendara a construção de “cidades-satélites” próximas dos municípios, subúrbios-jardim dependentes do município para a obtenção de empregos. Em 1918, guindado a uma posição ímpar de poder, como membro-chave do Comitê Tudor Walters, fa-

zia constar essa recomendação da prescrição oficial para o programa de habitações populares do pós-guerra, que, no ano seguinte, recebia a bênção legislativa com a Lei Addison; as conseqüências acham-se pormenorizadamente expostas no Capítulo 3. O resultado foi que de um milhão, ou quase, das moradias populares subsidiadas pelos cofres públicos entre as duas guerras, nenhuma – exceto umas poucas em Letchworth e Welwyn – foi construída obedecendo à forma de uma genuína cidade-jardim, o que constituiu um golpe para a Associação que lutava simultaneamente por um programa vastamente difundido de casas populares e por cidades-jardim. O próprio Howard não tinha nenhuma confiança na capacidade do Estado em realizar a tarefa, nem provavelmente qualquer tendência ideológica que justificasse tal confiança; vejam o que dizia ele a seu fiel seguidor Frederic Osborn (1885-1978), em 1919: “Meu caro rapaz, se você esperar pelo governo para fazer isso, antes de começar estará velho como Matusalém”⁵².

Assim, Howard conseguiu Welwyn com seus métodos próprios e pouco ortodoxos, o país conseguiu cidades-satélites, e a causa da construção em larga escala da “nova cidade” na Grã-Bretanha sofreu um atraso de trinta anos. Atraso quiçá inevitável: as objeções políticas à remoção em ampla escala dos moradores do cortiço urbano para o campo, aliadas à ameaça de substanciais dilatações de limites, devem ter sido enormes, como aliás fartamente o demonstraram as dificuldades enfrentadas pelo LCC ao planejar seus conjuntos-satélites, e Manchester os dela.

Em parte, o problema devia-se a uma absoluta falta de imaginação. Alguns dos chamados satélites – sobretudo os do LCC de Becontree, no Essex – eram imensos, excedendo em muito a meta planejada por Howard, de 30 000 habitantes, e igualando-se a uma cidade inglesa de porte médio. E ficavam distantes da autoridade urbana genitora. Mas faltavam-lhes as indústrias necessárias à auto-suficiência – embora, depois de 1928, Becontree, inesperadamente bafejada pela sorte, tivesse ganho a fábrica Ford Dagenham –, e sequer dispunham de sistemas decentes de transporte coletivo. Com bastante freqüência, também eram um fiasco como projeto. As casas, bastante dignas, obedeciam aos padrões estipulados pelos livros de Unwin; elas, e os esquemas que as abrangiam, eram de uma total insipidez.

Os satélites interioranos constituíam exceções parciais. E Wythenshawe, projetado por Barry Parker para Manchester em 1930, é realmente um dos que resistem. Sua história no início foi tortuosa. Escolhido como consultor, Abercrombie recomendara que o município adquirisse uma propriedade de 4 500 acres; em 1926, metade dela foi comprada. Seguiu-se uma batalha ingente pela incorporação,



4.9 *Almoço de domingo em Welwyn Garden City*
O ideal de Howard faz-se realidade; trabalhador e esposa fotografados em pleno gozo de seu patrimônio.



4.10 A Alameda, Welwyn Garden City

Louis de Soissons traz a formalidade clássica e o bom-gosto georgiano para a segunda cidade-jardim.

ganha pelo município de Manchester no Parlamento, em 1931; em vão se tentou conseguir uma ordem para comprar a metade restante. Nesse meio tempo, em 1927, o município encarregara Parker de elaborar um projeto. Num lugar imenso, de 5 500 acres, foi-lhe dada toda a liberdade para projetar uma autêntica nova cidade. Em 1938, com mais de 7 000 corporações e perto de setecentas casas particulares, Wythenshawe já estava maior do que Letchworth ou Welwyn e avançara apenas um terço do caminho rumo à meta planejada de 107 000 habitantes⁵³. O próprio Parker descreveu-a, em 1945, como “no momento, o mais perfeito exemplo de cidade-jardim”⁵⁴. Mas não tenham dúvidas, o exemplo é bastante imperfeito. A cifra populacional era três vezes maior que a recomendada por Howard, embora próxima da encontrada nas novas cidades maiores, surgidas após a Segunda Guerra Mundial. Embora a terra tivesse sido comprada a preços quase fundiários, ficava separada do município apenas por um cinturão verde de 1 000 acres, com meia milha de largura, ao longo do Rio Mersey. Embora uma grande área industrial tivesse sido planejada – como Letchworth, ao longo de uma ferrovia que corta o local em dois –, o número de empregos oferecidos a seus trabalhadores não era suficiente para todos; foi necessário instalar um serviço subsidiado de ônibus expressos até o município.

Seu feito notável consiste em introduzir três princípios do planejamento norte-americano, extraídos diretamente por Parker da região de Nova York que ele visitara em 1925⁵⁵. O primeiro deles é o princípio da unidade de vizinhança, cujas origens deverão ser discutidas logo mais neste capítulo. O segundo é o princípio do esquema Radburn, que Clarence Stein e Henry Wright haviam desenvolvido em seu plano para a cidade-jardim do mesmo nome, em 1928, a ser também descrito mais adiante neste capítulo, e que ambos haviam discutido anteriormente com ele, já em 1924⁵⁶. O terceiro é o princípio da *parkway* que Parker havia observado na região de Nova York mas que agora empregava de maneira absolutamente original.

As primeiras rodovias arborizadas de Nova York – a Bronx River Parkway em 1914, e os exemplos desenvolvidos por Robert Moses como parte de seus projetos para parques de recreio da década de 20 – eram, na origem, rodovias de acesso limitado, projetadas somente para o tráfego de automóveis particulares e paisagisticamente tratadas a fim de propiciarem uma experiência recreacional⁵⁷. Em Wythenshawe, a genialidade de Parker combinou-as com outra tradição de estrada ajardinada, mais antiga, norte-americana, concebida por Frederick Law Olmsted e amplamente utilizada pelos planejadores filiados à tradição City Beautiful no início do século, ou seja, a idéia de *parkways* como vias de acesso a áreas residenciais,

ligadas aos parques públicos⁵⁸ – idéia que fora experimentalmente utilizada na Grã-Bretanha por Soissons, em Welwyn, e pelo arquiteto-paisagista T. H. Mawson ao redor do Parque Stanley, em Blackpool, nos anos 20 –, para fornecer o elemento essencial do plano de circulação para toda uma cidade-jardim⁵⁹. Tencionava ele, desse modo, evitar um dos principais defeitos de planejamento ocorridos nos anos 30, a urbanização por faixas ao longo das novas artérias viárias. Em Wythenshawe, explicou,

essas estradas [...] situar-se-ão em tiras de parques e não serão entregues à urbanização. Foram planejadas para circundarem parques já existentes, futuras áreas de lazer, campos de jogos pertencentes a escolas, bosques nativos, matagais e capoeiras, campos de golfe devidamente demarcados, margens de rios e tudo quanto venha a realçar-lhes o encanto e impeli-las para as grandes extensões interiores ainda não construídas⁶⁰.

Essas estradas, argumentava, deveriam propriamente chamar-se, na terminologia norte-americana, *freeways* e não *parkways*, visto que não se destinavam exclusivamente à recreação e seriam usadas por todo tipo de veículos. (Aproximam-se, na verdade, do conceito de artérias viárias segregadas, tidas como o mais alto nível já atingido no sistema hierárquico do planejamento viário, segundo parecer de Alker Tripp, enunciado em 1938 e, a seguir, devidamente aproveitado como elemento básico por Abercrombie e Forshaw em seu Plano para o Condado de Londres de 1943.) Mas eventualmente, ao ser concluída, a principal artéria norte-sul de Parker recebeu o nome de Princess Parkway. Seu destino foi irônico: originariamente projetada com entroncamentos que a ligavam ao sistema viário local de mesmo nível, trinta anos mais tarde foi elevada para tornar-se uma rodovia por determinação dos planejadores de trânsito. Vinda da cidade através de um amontoado de espaguete de concreto, é agora uma *freeway* no sentido losangelense do termo, e com que fúria! A outra, a *parkway* anteriormente planejada, essa foi abandonada inexplicavelmente na metade, e a tira de parque ficou zanzando à-toa, desligada do nascedouro.

Na verdade, Manchester não se portou generosamente com sua obra-prima. Concluído com muito atraso, seu centro comercial ostenta o desleixo modernoso típico dos anos 60; alguns dos prédios de apartamentos construídos no pós-guerra são verdadeiras monstruosidades. A segunda e a terceira geração de ocupantes não trataram o lugar com o mesmo carinho dos primeiros moradores; sobram as marcas, excessivamente evidentes para os que gostariam de acreditar que ambientes civilizados geram comportamentos civilizados, de pichações, de vandalismos, de pequenos crimes. O lugar parece um sapato velho e gasto naquele estilo bem inglês, como se a cidade

ali tivesse entregue os pontos; embora, nesse sentido, Wythenshawe não seja diferente do resto de Manchester. Mas a despeito de seus melhores esforços, não conseguiu obliterar inteiramente Parker. Situated exatamente no centro, o imenso espaço verde de Wythenshawe Park quase vira do avesso o conceito de cinturão verde; esta é uma cidade de coração verde. As casas, que inserem habilmente motivos georgianos no vernacular de Letchworth, acham-se inteligentemente agrupadas em torno de múltiplos e pequenos espaços verdes. Malgrado toda a sua atual deterioração, ela bem merece o título de terceira cidade-jardim.

Enquanto isso, os fiéis continuavam na luta. Chamberlain, que enquanto esteve no gabinete sempre foi um amigo das cidades-jardim, conseguiu que subsídios governamentais se transformassem em lei em 1921, 1925 e – dada a oposição do Tesouro – em 1932⁶¹. Mas os resultados não foram muito bons. Em 1930, o secretário permanente do Ministério da Saúde, *Sir* Arthur Robinson, confessava abertamente:

Apesar de, no início, ter defendido as chamadas cidades-jardim, fui, com o tempo, modificando minha opinião sobre elas – são ótimas na teoria mas, na prática, ao que parece, não funcionam. Uma cidade-satélite, tal como propriamente a chamam, é muito melhor como método de abordagem [...] Mas é exatamente a cidade-satélite que está sendo produzida por vários dos grandes esquemas habitacionais geridos pelas autoridades locais, e a tendência do progresso é favorecê-la⁶².

E tão logo Chamberlain conseguiu criar a Comissão Barlow, Unwin, dando especial relevo ao fato, em 1938, pôde argumentar que a grande contribuição de Howard fora o subúrbio-jardim, não a cidade-jardim; urbanizações sob forma de satélites constituiriam proteção suficiente contra a incessante expansão de Londres⁶³.

Vãs foram as invectivas de Osborn ante as conseqüências:

Construir conjuntos de sobrados nos arrabaldes dá às pessoas bons ambientes, mas também lhes impõe uma carga intolerável de viagens, que custam dinheiro, energia e tempo de lazer. Além do mais, separa Londres como um todo dos campos de jogos e do ar livre do campo⁶⁴.

A única saída para a situação, argumentava ele em 1938, era constituir uma Comissão para o Planejamento Regional de Londres com poderes de organizar juntas executivas encarregadas de construir novas cidades ou expandir as existentes, bem como de descentralizar a indústria e o comércio dentro de uma região ampliada⁶⁵. Contra esse ponto de vista, poder-se-ia, evidentemente, argumentar que Londres era especial; quanto às cidades provincianas, imensamente menores, satélites – como Wythenshawe, de Manchester, ou

Speke, de Liverpool – eram perfeitamente aceitáveis. Mas Osborn não admitiria nada disso: “O destino de Londres pode compelir à ação os responsáveis pelas grandes cidades e conglomerados urbanos do norte e do interior do país [...] o que aos londrinos hoje cabe suportar, cumprirá à Inglaterra suportar amanhã”⁶⁶. A organização da Comissão Barlow – um dos primeiros atos de Neville Chamberlain como primeiro-ministro – propiciou a Osborn, enfim, a grande oportunidade, e ele não a deixou escapar. Conforme confessou, sem qualquer pejo, a Lewis Mumford, tudo o que fez foi dar nova redação a alguns dos parágrafos-chave do relatório da maioria, de 1940, e do relatório da minoria, apresentado por Abercrombie, os quais recomendavam um controle total sobre a implantação industrial; depois entregou esse trabalho ao próprio Abercrombie. Finalmente – em 1945 – o texto era transformado em lei⁶⁷. Após anos de perambulação pela selva política, os amigos da cidade-jardim estavam, enfim, prestes a atingir a sua própria.

A CIDADE-JARDIM NA EUROPA

Para além das águas, em pleno território europeu, não tardou que o conceito de cidade-jardim também sofresse total diluição ou, como diriam os fiéis, total descrédito. Um dos problemas era que cada um dos diferentes países tinha seu próprio e pessoal advogado da cidade-jardim, sempre disposto a proclamar – coisa que algumas vezes aconteceu – o modo todo dele de encarar tal idéia. E ao que se depreende destas proclamações, todos o fizeram; seja como for, seus conceitos divergiam dos de Howard de forma sutil mas significativa.

O primeiro, pela ordem, foi, não há dúvida, o engenheiro espanhol Arturo Soria y Mata (1844-1920), que expôs seu conceito de *La Ciudad Lineal* num artigo de revista de 1882, desenvolvendo-o num projeto circunstanciado de 1892. Em essência dizia ele que um sistema de linhas de bonde ou de iluminação, desenvolvido a partir de uma grande cidade, poderia oferecer uma extraordinária acessibilidade linear, o que iria permitir o desenvolvimento de uma cidade-jardim linear planejada: “A Cada Familia, Una Casa, En Cada Casa Una Huerta y Un Jardín”, dizia um anúncio⁶⁸. Mas a cidade linear nunca passou de um subúrbio-dormitório urbanizado segundo as leis da especulação comercial. Iniciado em 1894 e concluído em 1904, o primeiro segmento dos 48 km (30 milhas) urbanos planejados estendeu-se por 5 km (3 milhas), circunferencialmente, entre as duas mais importantes radiais leste de Madrid; de cada um dos lados de um eixo principal de 40 m de largura, aberto ao tráfego de bondes

(inicialmente de tração animal; eletrificados apenas em 1909), implantaram-se villas em superquadras de aproximadamente 200 m de frente aos fundos por 80 ou 100 de frente⁶⁹. Isso foi tudo o que se construiu, e em 1934, a Compañía Madrileña de Urbanización desistiu do fantasma⁷⁰. Após a Segunda Guerra Mundial, o estupendo crescimento do município quase enterrou a cidade linear; vindos do aeroporto, os viajantes passam por baixo dela e nem percebem. Os suficientemente curiosos para tomarem um desvio, ainda a irão encontrar, reconhecível, com o metrô no lugar dos bondes; uma das estações recebeu, em sinal de consideração, o nome de Arturo Soria. Algumas das primeiras villas também ainda estão de pé; mas, uma a uma, vão sendo substituídas por blocos de apartamentos e, dentro em breve, a cidade linear será apenas uma lembrança. Soria alimentava sonhos ainda mais grandiosos no sentido de implantar cidades lineares por toda a Europa, o que, em 1928, após sua morte, inspirou a formação de uma Association Internationale des Cités Linéaires, cujo cérebro foi o influente planejador francês Georges Benoît-Lévy; ecos de seu sistema podem ser detectados nos desurbanistas russos dos anos 20 e no pensamento de Le Corbusier dos anos 30, onde os encontraremos mais tarde.

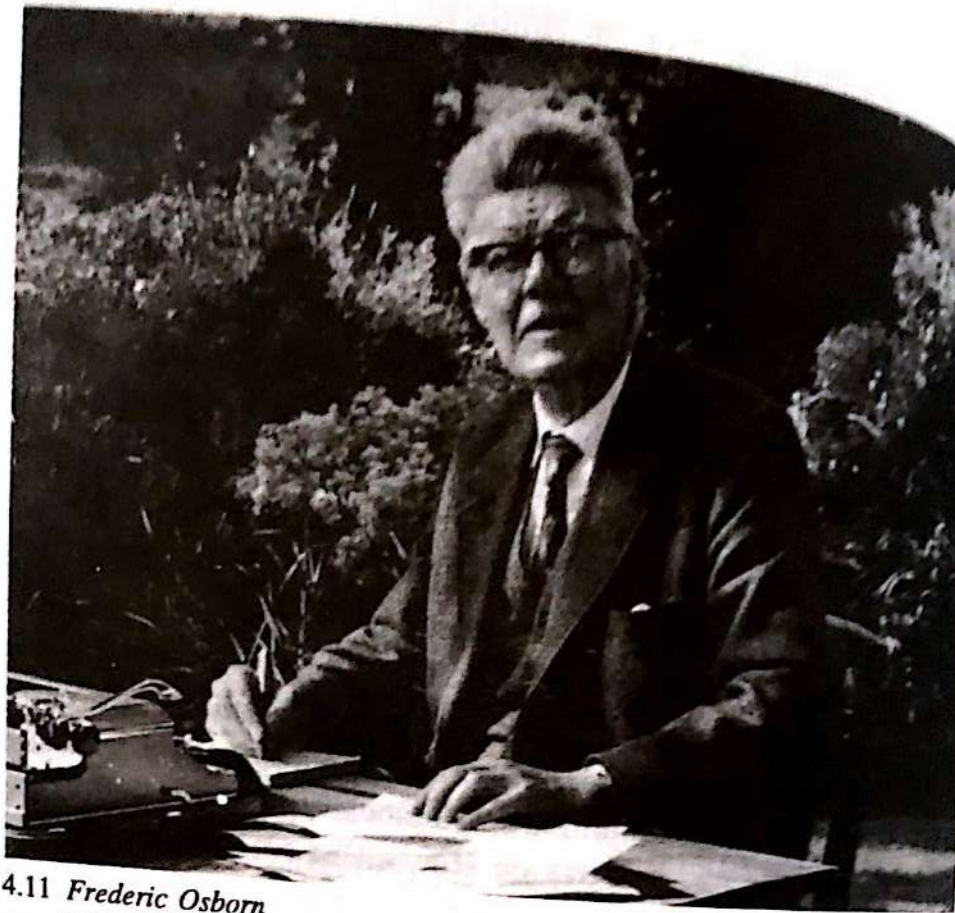
O Howard francês foi Tony Garnier (1869-1948), um arquiteto de Lião, que parece ter concebido sua *Cité industrielle* em 1898, ano de publicação de *To-morrow*, ainda que tivesse esperado até 1918 para editá-la; é possível, embora improvável, que tenha lido a obra de Howard. Filia-se ao pensamento regional francês de Le Play e da escola francesa de geografia, que dava ênfase antimetropolitana ao desenvolvimento de uma vigorosa cultura artesanal de província; anarquista que era, deu ênfase também à propriedade comum, rejeitando símbolos da repressão burguesa, tais como delegacias de polícia, tribunais, prisões ou igrejas, e erguendo seu vasto edifício central, onde podiam reunir-se 3 000 cidadãos⁷¹. Mas mais estranho que tudo é que, naquela época, Garnier faça sua cidade depender economicamente de um único e enorme complexo metalúrgico (tendo em vista que soluções econômicas têm vida curta) e que o projeto físico seja dominado por possantes bulevares axiais e pelo assentamento habitacional sobre reticulados retangulares: mais, segundo observou Reyner Banham, à maneira de Camillo Sitte, só que sem as sinuosidades⁷².

Se Garnier é um amontoado de peças díspares, seu equivalente germânico é ainda mais estranho. Theodor Fritsch publicou seu *Die Stadt der Zukunft* (*A Cidade do Futuro*) dois anos antes da obra de Howard, em 1896; sua obsessão era de que Howard lhe roubara as idéias, embora pareça evidente que as idéias de Howard se tenham desenvolvido independentemente antes dessa data⁷³. Na verdade, em

termos puramente físicos, existem similaridades entre a Cidade-Jardim e a Cidade do Futuro: a forma circular, a divisão entre os usos do solo, a clareira central, o cinturão verde circundante, o casario baixo, a indústria na periferia, a propriedade comunal da terra. Mas esses elementos repetem-se em outros projetos visionários, inclusive no de Buckingham, ao qual Howard se refere especificamente. E a cidade de Tritzsch, "eine Mischung von Großstadt und Gardenstadt" ("mistura de grande cidade e cidade-jardim"), carece da função específica de descentralização urbana, ponto fundamental para o pensamento de Howard; pretendia, ao que parece, ser muito maior e ultrapassar um milhão de habitantes⁷⁴. E, mais importante que tudo, a ideologia subjacente é totalmente distinta: fanático propagandista do racismo, Fritsch projeta uma cidade onde cada indivíduo sabe, de imediato, qual o seu lugar dentro de uma ordem social rígida e segregacionista⁷⁵. De modo geral, toda e qualquer semelhança entre Fritsch e Howard não passa de aparência superficial; e, como ficou visto, Howard não deu a mínima importância ao fato.

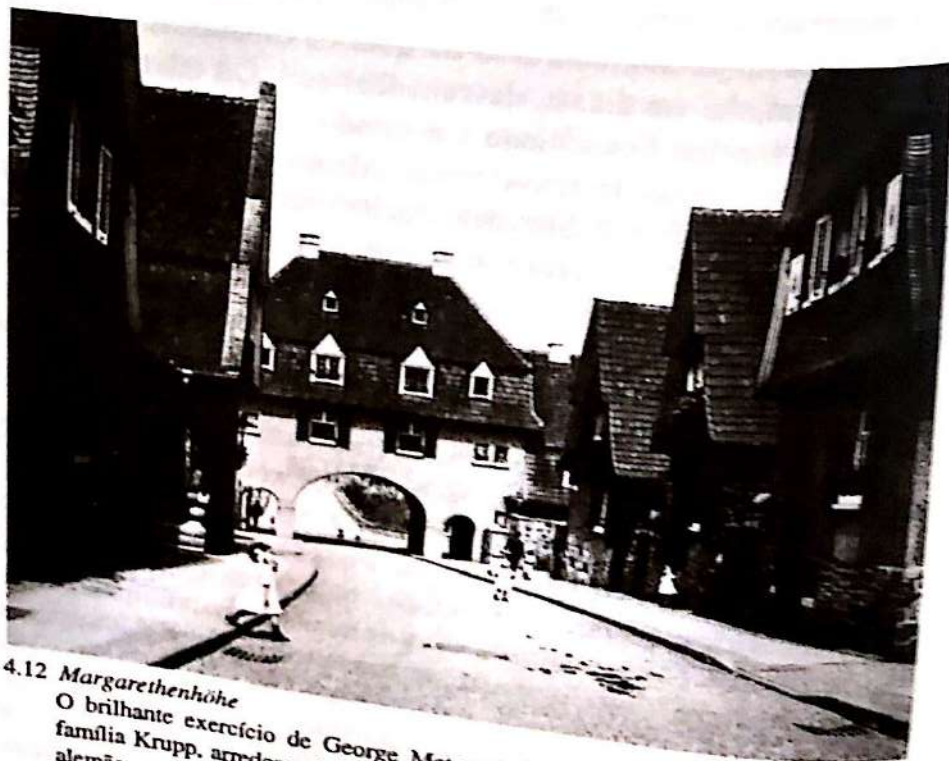
Em breve, foram as idéias de Howard que – para tristeza de Fritsch – cruzaram as águas e foram influenciar o pensamento do continente europeu; onde, aliás, quase em seguida, passaram a ser erroneamente interpretadas. Uma dessas primeiras interpretações das idéias de Howard, *Le Cité-Jardin*, de autoria de Georges Benoît-Lévy, conseguiu estabelecer uma confusão elementar entre cidade-jardim e subúrbio-jardim, confusão da qual os urbanistas franceses jamais puderam, daí em diante, desvencilhar-se⁷⁶. Ou talvez pensassem que o evangelho howardiano em estado puro não funcionaria para o francês, esse ser incuravelmente urbano. Henri Sellier, que, como diretor do Office Public des Habitations à Bon Marché du Département de la Seine, projetou dezesseis *cités-jardins* ao redor de Paris, entre 1916 e 1939, certamente percebeu que sua interpretação se afastava do Howard puro e tinha mais a ver com a Hampstead de Unwin, da qual era uma variante; foi a Unwin, aliás, que ele visitou na Inglaterra em 1919, levando consigo seus arquitetos, e foi o texto de Unwin que ele usou como base para projeto⁷⁷.

Alguns aspectos-chave da receita de Unwin foram aproveitados, embora traduzidos em termos franceses: tamanho reduzido, entre 1 000 e 5 500 unidades; terra comprada nos arrabaldes da cidade a preços fundiários mínimos; densidades baixas em relação a Paris, 95-150 pessoas por hectare (40-60 por acre), e grande quantidade de espaços livres. Posteriormente, o aumento do preço das terras e das casas, mais o crescimento populacional, acarretaram modificações: mais e mais blocos de prédios de cinco andares foram incluídos; as densidades subiram para 200 ou 260 por hectare (80-105 por acre), embora ainda com generosa disponibilidade para espaços



4.11 *Frederic Osborn*

Primeiro lugar-tenente de Howard e, posteriormente, seu sucessor como chefe infatigável da campanha em prol das cidades-jardim; em seu jardim de Welwyn, aos oitenta anos, com a próxima polêmica pronta para o impressor.



4.12 *Margarethenhöhe*

O brilhante exercício de George Metzendorf, dentro da tradição Sitte, para a família Krupp, arredores de Essen: a própria essência do paternalismo industrial alemão.

livres e serviços sociais⁷⁸. Visitado hoje, um exemplo típico como o de Suresnes – a 6 milhas do centro de Paris, e a apenas uma milha do Bois de Boulogne – não passa de algo semelhante a um esquema de bloco de apartamentos do mesmo período, projetado pelo LCC na Londres intra-urbana: o nome de Unwin não será, de certo, o primeiro que há de aflorar à mente. E nos anos 30, à medida que aumentava ainda mais a proporção dos blocos de apartamentos e que os arquitetos aderiam ao movimento modernista, a divergência fez-se total.

Na Alemanha aconteceu melhor. Em 1902, um agente de vendas em visita à Inglaterra, Heinrich Krebs, ao voltar para casa levou consigo o livro de Howard, fez com que o traduzissem, pronunciou uma conferência e deu início a um equivalente germânico da Garden City Association. A resposta foi entusiástica: é difícil de acreditar, mas a verdade é que os industriais alemães julgavam que o movimento cidade-jardim ajudava a explicar o porquê das boas relações trabalhistas dentro da indústria britânica⁷⁹. E esta era, sem dúvida, uma preocupação de certo modo obsessiva entre os industriais alemães.

Antes da Primeira Grande Guerra, sua mais alta expressão foi a aldeia-jardim de Margarethenhöhe, implantada nas imediações de Essen, na Ruhrgebiet [região do Ruhr], pela família Krupp em 1912, como a mais recente realização dentro de uma extensa linha de condomínios residenciais industriais que remontava aos idos de 1863. Pequena, com apenas 5 300 habitantes pelos fins da década de 30, fisicamente, Margarethenhöhe é uma New Earswick transplantada. Seu arquiteto, Georg Metzendorf, seguiu fielmente a tradição Unwin-Parker, a fim de criar uma cidade mágica, separada do município por um minicinturão verde de bosques, com seu portal de entrada, sua praça central de mercado, sua taberna medievalesca, suas ruas estreitas e curvas de onde o tráfego direto foi totalmente excluído. Assim, ironicamente, dentro da linha unwiniana, ela supera o próprio Unwin; é uma autêntica Rotemburgo do século XX. Talvez fosse necessário um arquiteto alemão, em atividade num ambiente alemão, para levar a cabo a tarefa que Unwin com tanto empenho se propusera. Se serviu ou não aos propósitos de Krupp, isso já é outra questão: ao arrebanhar seus trabalhadores numa cidade deles, só conseguiu, ao que parece, aumentar-lhes a consciência de classe⁸⁰.

O *Gartenstadtbewegung* (movimento cidade-jardim), contudo, mirava mais alto: queria uma Letchworth alemã, como disse seu líder Hans Kampffmeyer em 1908⁸¹. Nunca o conseguiu, embora tenha chegado perto. A cidade-jardim implantada em Hellerau, a 8 quilômetros (5 milhas) de Dresden, era – como Margarethenhöhe – essencialmente um subúrbio-jardim situado no ponto final de uma

linha de bondes. Mas, como Letchworth em sua impetuosidade dos primeiros anos, tanto Hellerau quanto o movimento no seu todo estavam profundamente imbuídos dos princípios do Movimento Reforma da Vida: não só a moradia, mas a alimentação, o vestuário e o estilo de vida em geral deviam simplificar-se e despojar-se da escória oitocentista. Hellerau abrigava as *Deutsche Werkstätte für Handbaukunst (Oficinas Alemãs de Artesanato)* e até mesmo uma Sociedade de Rítmica Aplicada.

O peregrino de hoje, ao visitá-la, entra numa aberração temporal. Hellerau fica isolada do município, em pleno campo de urzes que lhe serve de cinturão verde natural, mas onde hoje também acampa, para treinamento, o Exército Vermelho, pontuando aquela paz arcádica com lúgubres explosões. No entanto, talvez por contar com recursos escassos, consegue, com esse seu jeito de sapato meio gasto, projetar de forma inefável seu espírito original. Enfileiradas e semi-isoladas, as casas de Heinrich Tressenow, inteiramente fiéis à tradição Unwin-Parker, carregam garbosamente a idade. Há até um esquema para pedestres no estilo Radburn que antecipa em duas décadas o autêntico. Por ele se chega às *Werkstätte*, agora uma empresa do povo. A praça do mercado, lembrança de Margarethenhöhe — que, seguramente, Tressenow deve ter visitado —, consegue realizar aquilo que Unwin e Parker deveriam ter feito em Letchworth e Hampstead, mas inexplicavelmente jamais fizeram. É uma pequena jóia anômala.

Nisso consiste o que poderíamos chamar de ala esquerda do movimento cidade-jardim alemão; mas existe sempre, também, um outro lado, que, com o passar do tempo, fez-se mais e mais insistente. Nascido do medo à cidade-gigante, falava do declínio da raça nas grandes cidades e da necessidade de recolonizar o campo decadente, em especial nas orlas dos povoamentos alemães lindeiros com a Europa eslava. Já na metade da Primeira Grande Guerra, o termo *Lebensraum* fora ominosamente posto em uso, ocasionando a remoção de populações consideradas perigosas para o “caráter nacional”.⁸² Na década de 20, esses temas iriam tornar-se um elemento poderoso do pensamento nazista.

Mas, na época, o assunto ainda permanecia nos domínios da especulação intelectual. No mundo real, imediatamente após a Primeira Grande Guerra, a realidade assemelhava-se à da Grã-Bretanha: temia-se a revolução. E talvez na Alemanha esse temor fosse bem mais justificado. Em Frankfurt, como em outros lugares, um Conselho de Operários e Soldados dominou a política durante um ano, após o armistício de 1918. Quando finalmente os socialdemocratas chegaram ao poder no município, sua estratégia, durante a administração do prefeito Ludwig Landmann (1924-1933), consistiu em res-

taurar a paz social mediante um implícito pacto social entre capital e trabalho: tema que se iria repetir na criação da *Wohlfahrtsgesellschaft* (Sociedade do Bem-Estar) após a Segunda Guerra Mundial. O distrito central ocupado pelo comércio de Frankfurt devia ser preservado e desenvolvido como centro financeiro de proa da Alemanha; as ribanceiras do Main deviam ser urbanizadas para a implantação de uma indústria de alta tecnologia. Mas, a fim de satisfazer às exigências do setor trabalhista, o município iria igualmente embarcar num intenso programa habitacional.

Landmann conquistou a adesão do arquiteto-urbanista Ernst May (1886-1970) que ganhara considerável reputação com seus projetos para a cidade de Breslau (Vroclávia). Graças aos avançados programas do famoso prefeito Franz Adickes, que administrara Frankfurt antes da guerra, o município comprou enormes extensões de terra a preços fundiários ínfimos nos campos circunvizinhos⁸³. Assim, ao chegar, em 1925, May teve tudo de que necessitava para desenvolver um projeto urbanístico fantásticamente inovador.

Como Sellier em Paris, May foi profundamente influenciado pelo movimento cidade-jardim; trabalhara com Unwin, em 1910, tanto em Letchworth quanto em Hampstead; e mantinha estreito contato com ele. Seu conceito era, na origem, o da pura cidade-jardim, com novas cidades distantes de 20 a 30 quilômetros umas das outras, e separadas do município por um largo cinturão verde. Quando o projeto provou ser politicamente inviável, May recuou para uma concessão: a urbanização sob forma de cidades-satélites (*Trabantens-tädte*), separadas do município apenas por um estreito cinturão verde, ou "parque do povo", e dele dependentes para empregos e tudo o mais, salvo necessidades imediatas de compra local, e, por conseguinte, a ele ligadas pelo transporte coletivo⁸⁴. Essas cidades-satélites, porém, teriam de ser urbanizadas pelo município dentro do sistema de casas populares, cabendo, no caso, uma comparação com o programa habitacional britânico posterior à lei de 1919 (Capítulo 3), e não com as primeiras cidades-jardim e os primeiros subúrbios-jardim surgidos na Inglaterra.

Também sob outro importante aspecto, May rompeu por completo com seu mestre Unwin e, não há dúvida, com a tradição inglesa dos anos 20: seus satélites deviam ser projetados rigidamente como arquitetura moderna, em forma de longas fileiras de casas com cobertura chata e ajardinada, onde as pessoas pudessem tomar seu café da manhã, seu banho de sol e plantar. Mas a diferença é perfunctória: com sua insistência em construir casas unifamiliares com jardim, cuidadosamente alinhadas em relação à luz do sol, May provou ser um aluno competente de seu mestre, Unwin.

O programa, no conjunto, não era extenso: 15 000 casas, embora essa cifra constituísse quase o total das casas construídas no município nesse período, entre 1925 e 1933. Os esquemas individuais, apesar da fama desfrutada na época e subseqüentemente, eram minúsculos, distribuindo-se, muitos deles, indistintamente em pequenos lotes ao redor do município; apenas uns poucos, enfileirados ao longo do vale do Rio Nidda, a noroeste do município, representam os satélites clássicos, e mesmo esses são surpreendentemente pequenos: 1 441 moradias em Praunheim, 1 200 em Römerstadt⁸⁵. O que os tornou dignos de nota foi a disposição das casas em compridas fileiras ao longo do rio, a localização das escolas e *Kindergarten* na baixada, e o aproveitamento do vale como um cinturão verde natural onde se acham concentrados todos os tipos de serviços: lotes para hortas, campos esportivos, canteiros de flores para comércio, escolas de jardinagem para jovens, e talvez até mesmo um espaço para feiras⁸⁶. Mas o projeto jamais foi concluído de acordo com o planejado; o dinheiro acabou, e as sedes comunitárias – eco, talvez, de Unwin – nunca chegaram a ser terminadas.

Depois da guerra, Frankfurt portou-se brutalmente com sua obra-prima em miniatura: duas rodovias urbanas agora rasgam o vale, e uma divide Römerstadt ao meio; os satélites foram literalmente tragados por uma cidade-satélite maior e totalmente amorfa, chamada – com adequada impessoalidade – Nordweststadt (Cidade Noroeste). Mas ainda, com os olhos da imaginação e com os da fé, pode-se sentir o que poderia ter sido, o que foi e o que ainda notavelmente é. Está quase inteiramente elitizada, com apenas 11% dos trabalhadores colarinho-azul para os quais foi projetada; mas acha-se lindamente conservada. Depois de mais de meio século, a vegetação amadureceu, transformando-a na cidade-jardim que May imaginou. Ao sol de verão, as linhas duras e nítidas das longas e compactas fileiras do casario cor creme ficam mascaradas, quase submersas, pelas árvores e flores; sobre o vale, a neblina azul-industrial completa o efeito mirabolante, fazendo com que o novo perfil citadino de altos prédios do município surja quase como um mundo mágico.

O que desapareceu foi o espírito. E esse agora fica difícil até de imaginar. May divergia sobre muitas coisas de outro grande planejador urbano da época de Weimar, o berlinense Martin Wagner (1885-1957), mas ambos partilhavam a crença numa nova parceria entre capital e trabalho, e numa reintegração do trabalho com a vida. Isso eles também tinham em comum com Howard e Unwin; mas com uma diferença absolutamente crucial. A linha May-Wagner era uma variante de espírito coletivista, divergindo drasticamente das fontes anarco-cooperativistas da tradição Howard-Unwin: nas pala-

vras do próprio May, seu objetivo era “a coletivização dos elementos da vida”⁸⁷. Para May, uma área residencial bem planejada poderia complementar a busca da eficiência no local de trabalho e – citando novamente May – “o acaixotado uniforme dos telhados-jardim simboliza a idéia de uma vida coletiva dentro de um estilo uniforme, assim como os favos da colméia simbolizam as condições uniformes de vida de seus habitantes”⁸⁸.

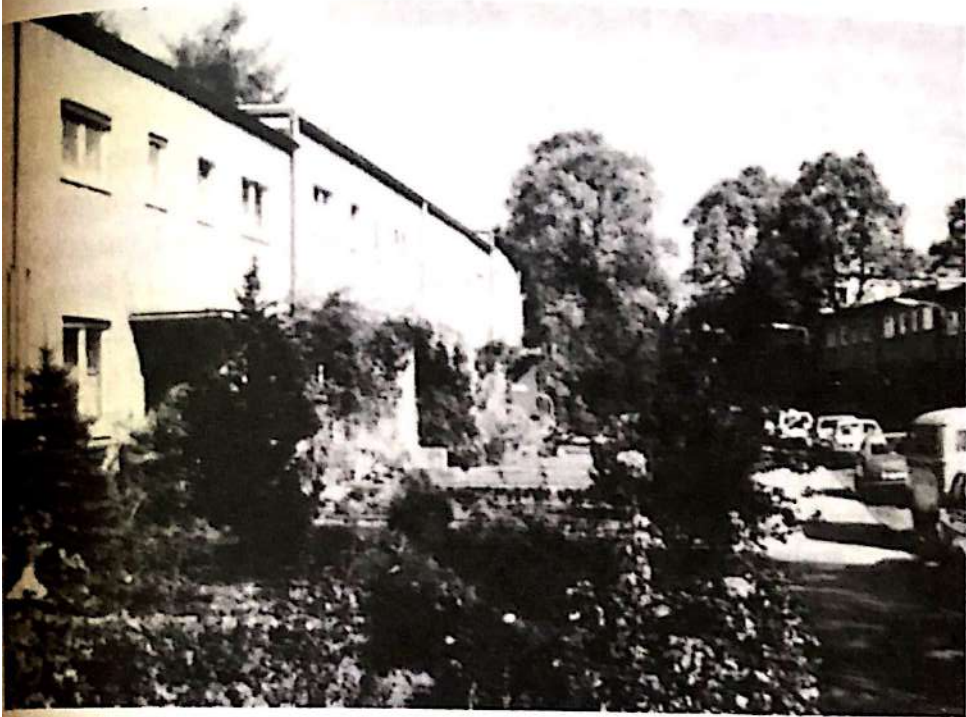
Tudo perfeito demais, parecendo material de base para uma tese marxista de doutoramento: o estado capitalista coopta o estado local num conluio a fim de assegurar a reprodução da força de trabalho. De qualquer modo, tanto Howard quanto Unwin teriam odiado isso; não é de admirar, talvez, que Unwin se tenha tornado francamente impopular ao investir sem tréguas contra a arquitetura moderna. E tampouco é de admirar, talvez, que, depois de Frankfurt, May tenha continuado a projetar cidades-modelo na União Soviética – nenhuma das quais, ironicamente, foi jamais construída de acordo com os planos iniciais, pois já àquele tempo o espírito de Stalin havia baixado sobre a cidade soviética.

Wagner, como May, estava coordenando um programa habitacional e urbanístico da máxima importância, embora em escala bem mais ampla. Sua grande divergência com May dizia respeito ao papel e, por conseguinte, ao caráter e à localização dos novos conjuntos. Wagner, de forma alguma, acreditava em satélites; seu ideal era a *Siedlung* (colônia) – o conceito e o termo foram originariamente desenvolvidos pelos barões do carvão e do ferro da Ruhrgebiet – onde as casas estavam agrupadas em torno de uma fábrica, sem por isso terem uma existência independente – ou sequer semi-independente em relação ao município⁸⁹. O exemplo ideal é Siemensstadt, desenvolvida pela gigantesca companhia de material elétrico em torno de seu complexo industrial no setor noroeste do município, entre 1929 e 1931. É uma *Großsiedlung* (grande colônia), um complexo de áreas residenciais, planejado e executado numa escala desmedida; ali, cada nome da arquitetura alemã dos anos 20 tem seu quinhão; é um sítio de reverente peregrinação, e algumas das peças estão sendo restauradas pelo governo da Alemanha Federal como monumentos históricos. Os peregrinos chegam à estação Siemensdamm do metrô, movimentado bulevar urbano a apenas 20 minutos do centro de Berlim Ocidental e que de saída a si mesmo se anuncia como uma urbanização. Apenas alguns minutos se passaram, e no entanto já estamos num outro mundo: os mestres – Scharoun, Barning, Häring, Gropius e outros – colocaram blocos de apartamentos de quatro e seis andares dentro de um vasto jardim, que – como nas compactas fileiras de dois andares de Römerstadt – cresceu pelas décadas afora até envolvê-los por completo⁹⁰.

A impressão dominante, exatamente como em qualquer cidade-jardim inglesa, é de muita paz. Qualquer cético, da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos, que acreditar que esquemas coletivos de apartamentos significam vida de cortiço, qualquer um que, de fato, acredite que uma cidade-jardim feita de prédios de apartamentos seja uma contradição terminológica deveria ver Siemensstadt e repensar o assunto. E repensá-lo assim: primeiro, blocos de prédios rigorosamente modernos, desde que mantidos moderadamente baixos e acentuadamente horizontais, podem ser tão repousantes – sobretudo os da qualidade Unwin-Parker – como casas rigorosamente modernas ou mesmo como as tradicionais. Segundo, a qualidade do espaço ajardinado circundante é fundamental. E terceiro, a conservação é tudo: Siemensstadt, como Römerstadt, funciona porque é bem conservada.

O mesmo acontece, e de forma mais do que evidente, com as duas outras urbanizações realizadas durante os anos Wagner em Berlim: as *Großsiedlungen* Onkel-Toms-Hütte em Zehlendorf, setor sudoeste da cidade, e Britz, no sul. Ambas foram implantadas por Gehag, a grande agência habitacional formada em 1924 mediante a fusão de várias sociedades construtoras com fundos sindicais mais a Sociedade Berlinense de Habitação Popular, e que foi responsável por tantas moradias subsidiadas pelos cofres públicos na Berlim dessa época e na República Federal depois da Segunda Guerra Mundial: exemplo vivo do tipo de agência que Howard queria para construir sua cidade-jardim e que jamais conseguiu, pelo menos na escala necessária⁹¹. (Ironicamente, sua sucessora de pós-guerra faliu escandalosamente em 1980.) Ambas eram e são puros subúrbios-jardim, situados na então periferia do município, urbanizados junto a ramais do sistema U-Bahn.

Onkel-Toms-Hütte (Cabana do Tio Tomás), construída entre 1926 e 1931, intitula-se a si mesma colônia florestal (*Waldsiedlung*), e de fato, a primeira imagem que ela nos passa é a do imenso pátio de altas árvores a estender-se, numa uniformidade quase militar, por todo o local. Sob suas frondes aninham-se as casas de dois ou três andares, de autoria de Bruno Taut e Hugo Häring, intransigentemente dentro do idioma moderno dos anos 20, caiadas em matizes pastel, enfileiradas ao longo de ruas compridas e graciosamente sinuosas ou mais curtas e retas⁹². Mais uma vez – especialmente para aqueles calejados pela experiência com os conjuntos residenciais do conselho britânico –, o que surpreende no aspecto é o nível da conservação: as casas, ainda de propriedade da associação habitacional, parecem quase novas em folha. Britz (1925-1931), projetada por Bruno Taut e Martin Wagner, é mais formal: suas fileiras de casas de dois e três andares agrupam-se em torno da célebre *Hufeisensiedlung*, onde



4.13 *Römerstadt*



4.14 *Siemensstadt*

o bloco de quatro andares dobra-se em forma de imensa ferradura à volta de um lago⁹³. Nas ruas próximas, as casas – de novo impecavelmente conservadas – apresentam um contraponto inesperado: as de Bruno Taut são respeitavelmente conservadoras, as de Martin Wagner lembram o mundo fantástico de Disneylândia. Há uma estação subterrânea em cada uma das extremidades da colônia, que em seu lado leste dá de cara com o imenso espaço aberto do Königsheide – agora brutalmente cortado ao meio por *Die Mauer (O Muro)*.

As duas urbanizações são esplêndidas; ambas, ironicamente, representam a antítese total da idéia de cidade-jardim. Poder-se-á alegar que May, em Frankfurt, como Parker em Manchester, estava lidando com uma escala espacial de tipo diferente da usada em Londres, que encontrou no modelo de Howard a solução para o problema urbano; ambas eram quintessencialmente cidades provincianas de porte médio, com uma população entre meio milhão e três quartos de milhão de habitantes, e onde, portanto, uma solução na forma de satélite pôde parecer mais viável e apropriada. O mesmo, porém, já não cabia dizer da Grande Berlim dos anos 20 – com seus quase 4 milhões de habitantes –, a segunda maior massa urbana isolada da Europa. A verdade é que naquele tempo, arruinados pela falta de fundos e por contingências políticas, os urbanistas da República de Weimar já não pensavam na auto-suficiência da cidade-jardim como algo por que valesse a pena lutar⁹⁴.

CIDADES-JARDIM PARA A AMÉRICA

Também do outro lado do Oceano Atlântico, a tradição cidade-jardim jamais conheceu uma urbanização nos moldes preconizados por Howard. Não, porém, por falta de tentativas. Durante a década de 20, a Regional Planning Association of America não atuou apenas como guardiã dos sagrados tesouros; mas à maneira de uma Igreja reformista, na verdade ampliou e depurou o evangelho, redigindo os santos textos que Howard poderia ter editado, caso houvesse tido, à sua sombra, discípulos à altura. Mas o deus dessa Igreja era um deus gêmeo, Howard-Geddes, e seu credo abrangia o planejamento de regiões inteiras; por isso, a RPAA merece boa parte de um capítulo para si própria, e a terá no Capítulo 5. Aqui, cumpre-nos falar de suas contribuições para a cidade-jardim sem a vantagem daquele contexto; o que é difícil, e mesmo ilógico, mas no interesse da coerência, necessário.

Nesse grupo pequeno e ilustre, os arquitetos foram Clarence Stein (1882-1975) e Henry Wright (1878-1936). Sua contribuição ímpar para a cidade-jardim reside no manejo do tráfego e da circu-

lação de pedestres através do chamado esquema Radburn, por eles desenvolvido para a cidade-jardim do mesmo nome, em 1928. Mas para uma apreciação mais completa, força é relacioná-los com outra figura, que, por estranho que pareça, nunca é associada ao grupo da RPAA: Clarence Perry (1872-1944).

Perry foi dos primeiros exemplos de uma espécie que posteriormente se faria mais comum, o planejador-sociólogo. Trabalhou como planejador de comunidade para a Russell Sage Foundation com sede em Nova York, de 1913 até 1937, quando se aposentou. Mesmo antes disso, interessara-se por um movimento – claramente derivado da linha de Jane Addams em Chicago – em prol da implantação de escolas locais dentro de centros comunitários mediante o envolvimento dos pais. Foi também profundamente influenciado pelos escritos do sociólogo norte-americano Charles Horton Cooley, que acentuara a importância do “grupo primário”, “caracterizado pela associação e cooperação íntimas, cara-a-cara”, a seu ver, “fundamentais para a formação da natureza e dos ideais sociais do indivíduo”, e da maior importância na vida densa, altamente fragmentada, da cidade moderna⁹⁵.

Esse o tema levantado por líderes do movimento pró-moradia popular, que alegavam ter chegado o tempo para “uma grande renovação da confiança na vitalidade da vizinhança como unidade política e moral”, sobretudo naqueles “bairros desorganizados [...] que perderam sua liderança responsável”; segundo eles, através dessa renovação, “mães de nível abaixo da média, em bairros relativamente carentes de recursos [...] podem ser treinadas e auxiliadas na tarefa que lhes cabe” e “a perda do poder produtivo” poderia ser corrigida pela “extensão vocacional de nosso sistema de escola pública”⁹⁶. Tratava-se aqui, e claramente, da socialização do imigrante e dos filhos do imigrante⁹⁷. Mas ainda era mais que isso; morador que foi do subúrbio-jardim-modelo de Forest Hills Gardens, implantado pela Russell Sage Foundation a partir de 1911 – subúrbio ferroviário, a quase 9 milhas de Manhattan, onde o projeto de Grosvenor Atterbury surge claramente como um derivado do Riverside de Chicago e do Bedford Park de Londres –, Perry viu o quanto um bom projeto poderia contribuir para o desenvolvimento de um espírito de vizinhança⁹⁸. Na inspiração, Forest Hills Gardens deriva do pseudoteutônico de Unwin e Parker em Hampstead, e do genuíno de Margarethenhöle e Hellerau; mas passa à frente de todos eles, criando uma qualidade de tipo *kitsch* que antecipa Hollywood. No entanto, como todos os melhores ambientes suburbanos sonhados antes dele, a partir da Aldeia Blaise (Blaise Hamlet), de Nash, a verdade é que funciona: na presença desse cenário de soberba teatralidade, toda e qualquer descrença cai por terra, de imediato.



4.15 *Onkel Toms Hütte*

O subúrbio-jardim reinterpretado pelos mestres do movimento moderno, May em Frankfurt, Gropius e Taut em Berlim: mesmo em prédios de quatro andares, o estilo funcional prova que também é habitável.

4.16 *Clarence Stein*

Lutou pela implantação das "novas cidades" na América, e foi o construtor de três brilhantes projetos; introduziu o esquema Radburn no vocabulário do planejador.



Mas o teatro entra aí com o mais sério dos propósitos. A vida em Forest Hills Gardens deu a Perry o conceito de unidade de vizinhança que ele primeiramente desenvolveu numa reunião da American Sociological Association e da National Community Center Association em Washington DC, no dia 16 de dezembro de 1923, e que depois estudou mais pormenorizadamente em sua monografia de 1929 para o Plano Regional de Nova York, financiado por Russell Sage, e onde Perry desempenhou papel relevante como planejador social⁹⁹. O tamanho seria fixado pela área de captação da escola primária local, dependendo, portanto, da densidade populacional; seus elementos centrais seriam essa mesma escola e uma área de recreio a ela associada, a que se poderia chegar após uma caminhada de meia milha; lojas locais que, por estarem situadas nas esquinas das diversas vizinhanças, poderiam ficar dentro de uma área de um quarto de milha; e um ponto central ou logradouro público destinado a incentivar as instituições da comunidade:

A própria praça será um sítio adequado para a localização de um mastro, de um monumento comemorativo, de um coreto ou de uma fonte ornamental. Na vida comunitária do lugar funcionará como o ponto das celebrações locais. Aqui, no Dia da Independência, será içada a Bandeira, recitar-se-á a Declaração de Independência, e o espírito de cidadania será exortado à prática de feitos patrióticos na voz de oradores eloqüentes¹⁰⁰.

A inspiração é inconfundível: trata-se de uma releitura moderna do desejo de Jane Addams de integrar o novo imigrante, e agora os filhos dele, já nascidos norte-americanos, à medida que todos se vão mudando dos cortiços citadinos para seus novos lares suburbanos. A *raison d'être* foi, portanto, sociocultural mas, segundo já declarava Perry no fim dos anos 20, "a ameaça do automóvel" tornara imperativa a definição dessas unidades de vizinhança, constituindo-se, assim, "uma bênção na desgraça"¹⁰¹. As principais artérias, largas o bastante para suportarem um tráfego direto, iriam, portanto, transformar-se em limites lógicos; a malha viária interna seria projetada para facilitar a circulação interna, mas desencorajaria o tráfego direto¹⁰².

No famoso diagrama do relatório de 1929, falta apenas um elemento: uma indicação clara de como, precisamente, excluir o trânsito indesejável. O próprio Perry reconheceu ser esse o único e verdadeiro defeito do plano de Forest Hills Gardens¹⁰³. Mas já então, algumas poucas milhas mais perto de Manhattan, ao longo da mesma ferrovia de interligação subúrbio-município, Stein e Wright tentavam mostrar o caminho. Em 1924, inspirado por Stein, Alexander Bing, um bem-sucedido empreendedor, fundara a City Housing Corporation a fim de construir uma cidade-jardim norte-americana. À guisa

de experiência, de 1924 a 1928, tomaram eles Sunnyside Gardens, área intra-urbana de 77 acres ainda não urbanizada, a apenas 5 milhas de Manhattan, e fizeram seu planejamento com base em grandes superquadras livres de tráfego, criando assim vastos espaços de jardins internos – ainda que cerceados pelas mesmas rígidas restrições contra as quais Unwin lutara na Inglaterra¹⁰⁴. Lewis Mumford, que foi um de seus primeiros moradores, testemunhou, muito tempo depois, a qualidade de vida, tanto física quanto social, que o lugar propiciava¹⁰⁵; só que não era uma cidade-jardim.

Feito o aprendizado, voltaram-se eles para a realidade. No burgo de Fairlawn, Nova Jersey, a 15 milhas de Manhattan – sítio sem qualquer regulamentação de zoneamento e sem plano viário – a City Housing Corporation comprou 2 milhas quadradas, onde Stein e Wright planejaram três vizinhanças¹⁰⁶. A mágica era pegar a superquadra Sunnyside, libertá-la do rígido reticulado nova-iorquino e combiná-la com o aglomerado habitacional em cachos, a fim de inviabilizar não apenas o tráfego direto mas todo e qualquer tráfego. Como disse um dos consultores do projeto, “eliminamos o quintal dos fundos e o transformamos no jardim da frente [...] estamos construindo casas que não têm fundos, mas que também não têm frente”¹⁰⁷ – característica observada por Wright nas casas dos lavradores irlandeses¹⁰⁸.

Parece ser uma espécie de regra geral na história do planejamento o fato de que a primeira vez é sempre a melhor. Não há dúvida que isso foi verdade para New Earswick e Letchworth; e não há dúvida de que o foi também aqui. Radburn é o melhor dos esquemas Radburn. O arranjo hierárquico do arruamento – aqui empregado pela primeira vez, embora, quase imediatamente após, copiado por Parker em Wythenshawe – é muito natural e fácil. As casas, bastante modestas, aninham-se confortavelmente ao longo de pequenos becos a partir das ruas de distribuição do tráfego – motivo diretamente emprestado de Unwin e Parker em Hampstead e do trecho mais recente de New Earswick, como Stein foi o primeiro a confessar¹⁰⁹; ensombreadas pela rica vegetação estival de Nova Jersey, é como se brotassem do chão. O espaço livre central, com seus caminhos sinuosos para pedestres e bicicletas a mergulharem sob o vão de pontes de acabamento rústico, possui uma informal naturalidade. Parece autêntico, e como tal se sente.

Sentimento que teve seu preço. Embora uma Associação Radburn controlasse e gerenciasse o espaço, as casas foram vendidas e – a despeito das esperanças voltadas para uma mescla social –, por volta de 1934, três dentre cinco chefes de família eram, pelo menos, executivos de padrão médio; não havia mais trabalhadores de colarinho azul. E pior que isso, os corretores não aceitavam judeus nem

negros¹¹⁰. Desde o início, o lugar revelou-se pequeno demais para permitir um cinturão verde adequado. A Depressão freou urbanizações posteriores, limitando a população a 1 500 pessoas, cifra demasiado baixa para suportar a elaborada gama de programas e serviços comunitários inicialmente visados. Até para manter o setor comunal da urbanização, a Associação dependia das subvenções da CHC e do Instituto Carnegie. Ficou provado que era difícil atrair indústrias; e assim, para sustentar o fluxo de caixa, a CHC foi forçada a abandonar todas as suas esperanças de criar uma cidade-jardim autêntica, passando a anunciá-la como um puro subúrbio-dormitório. Muitos proprietários foram forçados a vender; finalmente, vencida pelo custo do transporte terrestre, a própria CHC afogou-se num mar de acrimônia e ações judiciais¹¹¹. Enfim, segundo reflexão feita por Stein vinte anos depois, a experiência de Radburn mostrou que, para construir uma nova comunidade, uma corporação privada, na melhor das hipóteses, precisaria estar no seu dia de sorte¹¹².

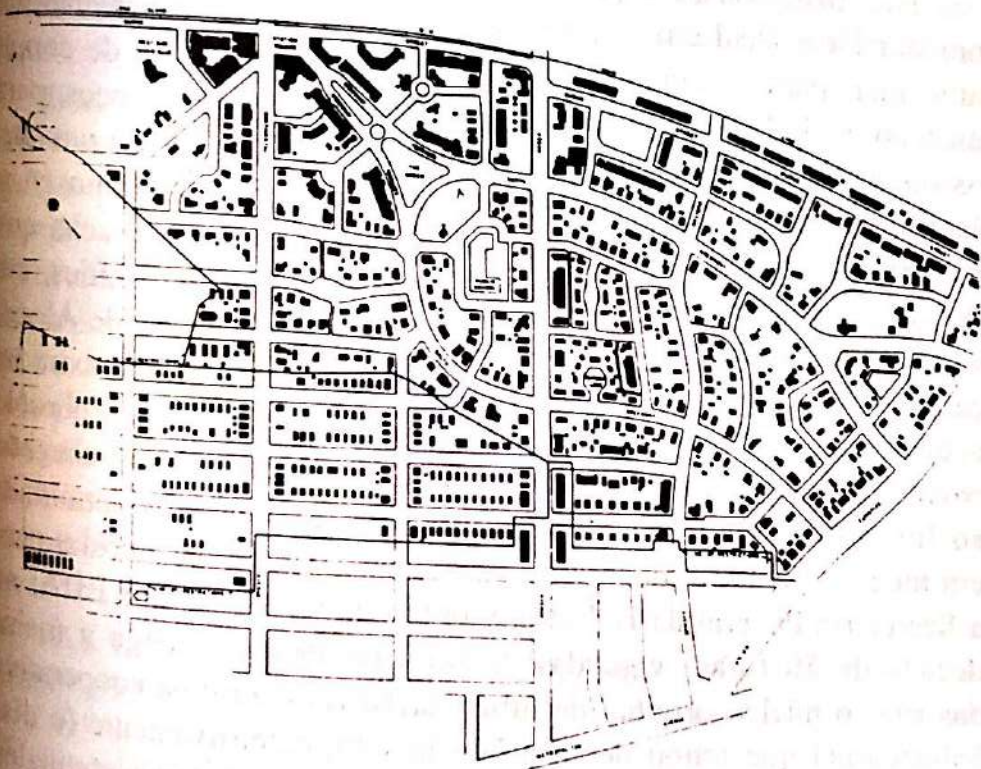
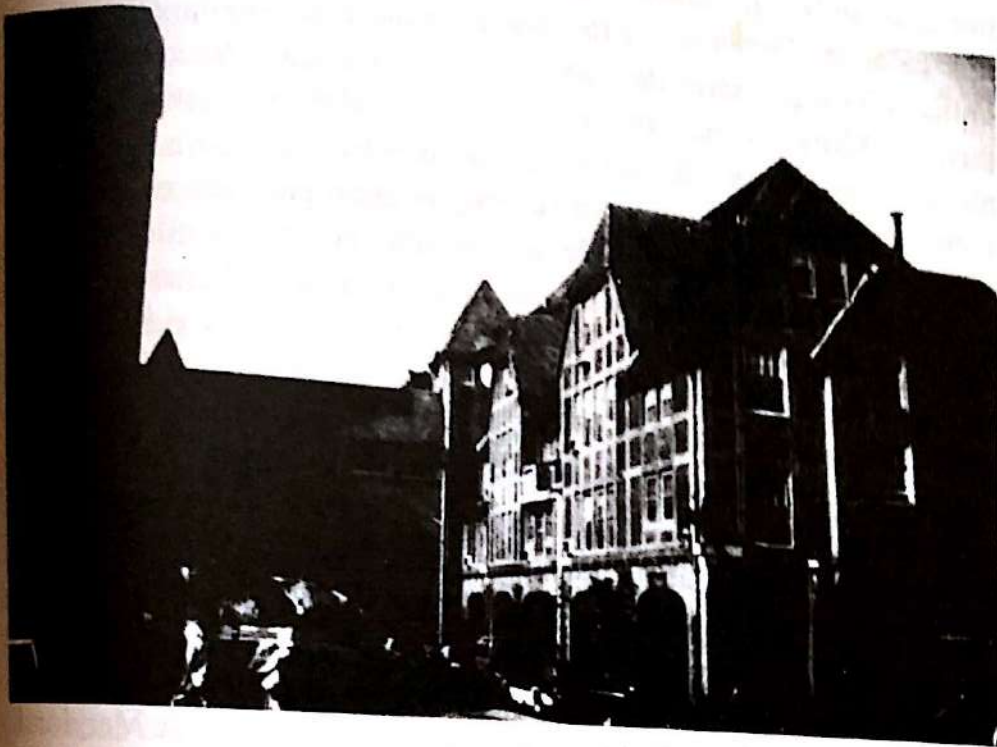
Houve, não obstante, duas outras Radburns, contando ambas com Stein como consultor; Chatham Village (1932) em Pittsburgh, aventura pioneira em moradias de baixa locação a apenas 2 milhas do Golden Triangle; e Baldwin Hills Village (1941), em Los Angeles. Ambas foram sucessos financeiros. Em Baldwin Hills, os planejadores modificaram substancialmente o esquema: substituíram os becos por pátios coletivos para estacionamento de veículos, deslocando parte dos três espaços centrais interligados – não há dúvida de que bastante grandes – para dentro de uma área fechada particular, e assim conseguiram baratear os custos da manutenção¹¹³. Mas o centro de compras e três creches desapareceram nos cortes orçamentários, e uma segunda fase jamais foi iniciada; e para maior ironia, embora o projeto fosse, de início, racialmente integrado, depois de uma década muitas famílias brancas bateram em retirada queixando-se da presença de famílias-problema; nos anos 70, um grupo de resgate converteu o esquema urbanístico de locação para condomínio, proibiu a presença de menores de dezoito anos, e – ignomínia final – rebaixou-o com o nome de Village Green¹¹⁴. Hoje, embora Baldwin Hills ainda goze de extraordinária qualidade física, sua proximidade de um projeto de habitação popular para pessoas de baixa renda está fazendo com que seus moradores, na maioria de idade avançada, vivam em sobressalto; depois do anoitecer, patrulhas de motocicletas guardam a propriedade, zombando daquelas mesmas qualidades que a solução condomínio se propunha proteger.

As cidades Radburn, obra de Stein-Wright, são inquestionavelmente as mais importantes contribuições norte-americanas para a tradição cidade-jardim. É bem verdade que, dentro de estritos critérios, como suas correlatas européias, também elas carecem de qualidade;

todas as três já de há muito submergiram em meio à esparramação dos subúrbios e, para pescá-las pelo chão, é indispensável um bom mapa, além de suficiente dose de determinação. Mas como subúrbios-jardim, marcam talvez, em matéria de projeto, o mais significativo avanço até então alcançado além dos padrões fixados por Uwin e Parker. Não constituem, contudo, os únicos exemplares de novas cidades na América. Os outros são, na maioria, espécimes isolados que se associaram à iniciativa privada, como a nova cidade de Norris no Tennessee, urbanizada como parte do exercício TVA de desenvolvimento regional, que veremos resumidamente discutido no devido lugar (Capítulo 5). Mas as cidades de cinturão verde, projetadas pela Resettlement Administration (Administração de Reassentamento), de Rexford Guy Tugwell, nos primeiros anos do New Deal de Franklin Delano Roosevelt (1935-1938), merecem atenção à parte e especial.

Notam-se curiosos paralelos históricos entre sua origem e a raiz da idéia howardiana: ambas foram concebidas nas profundezas de uma imensa depressão; em ambas, trabalhadores despedidos de fazendas falidas aglomeravam-se em cidades empobrecidas, impossibilitadas de oferecer-lhes trabalho. Em 1933, desempregados armaram uma incomodativa aldeia de barracas em pleno coração da cidade de Washington. A primeira idéia que ocorreu a FDR foi a de promover um movimento de retorno à terra; Tugwell (1891-1979), economista da Universidade de Colúmbia que se tornara um dos mais inovadores membros do grupo pensante do presidente, convenceu-o de que esse caminho não levaria a nada. Propunha, em lugar disso, "sair dos centros populacionais, pegar terra barata, construir toda uma comunidade e atrair moradores para o lugar. Em seguida, voltar às cidades, deitar abaixo todos os cortiços e transformá-los em parques"¹¹⁵. Ameaçou renunciar como meio de forçar Roosevelt, em abril de 1935, a criar o Ministério do Reassentamento, que colocava claramente no mesmo plano a terra e o problema da pobreza; com as Leis de Alocação de Verbas para Auxílio de Emergência de 1934, foi-lhe dado o poder de domínio eminente (desapropriação por aquisição compulsória da terra)¹¹⁶.

"Exatamente na periferia", foi a frase decisiva: essencialmente concebidas para serem auto-suficientes, as cidades de cinturão verde teriam também que oferecer a possibilidade de interligação com o município; daí ser essencial uma localização periférica típica do subúrbio, o que também representava, no momento, uma tendência do deslocamento populacional¹¹⁷. Tugwell esperava implantar 3 000 delas; mas da primeira lista de 25, o programa só recebeu verbas para iniciar oito; o Congresso cortou para cinco, das quais duas (uma em Nova Jersey e outra no arrabalde de Saint Louis) foram obstadas



4.17 e 4.18 *Forest Hills Gardens*
O subúrbio-jardim nova-iorquino, onde Clarence Perry descobriu o princípio da unidade de vizinhança.

por ação judicial. Sendo assim, o programa final constou de apenas três cidades: Greenbelt, Maryland, periferia de Washington; Greenhills, Ohio, periferia de Cincinnati; e Greendale, Wisconsin, periferia de Milwaukee¹¹⁸. Plenamente convencido da existência de um preconceito contra arquitetos, Tugwell – trabalhando a todo vapor contra o prazo dado – contratou grupos estanques para cada cidade: assim, Greenbelt e Greendale têm superquadras no estilo Radburn, Greenhills tem ruas convencionais e arquitetura tradicional. Mas todas elas apresentam densidades baixíssimas, entre 4 e 8 unidades por acre¹¹⁹. E a maior das três – Greenbelt, projetada com a consultoria de Stein e do arquiteto Tracy Augur, seu colega na RPAA – é uma adaptação clássica do esquema Radburn: construídas em cinco superquadras, as casas formam enorme ferradura em torno de um espaço livre central, dispondo, todas, de acesso direto para pedestres aos parques, lojas e serviços comunitários¹²⁰. A arquitetura é de um modernismo mais intransigente que o de Radburn, e o efeito de conjunto lembra curiosamente os melhores esquemas germânicos dos anos 20: Frankfurt ou Berlim transplantadas para os campos de Maryland.

Não demorou para que acabassem com o programa. Como planejador New Deal em cargo de chefia, Tugwell foi obviamente um alvo fácil para os congressistas conservadores, os meios de comunicação, as indústrias construtoras, as imobiliárias e os bancos, para os quais as “cidades Tugwell” representavam o início de uma arancada socialista; criticavam eles “aquele empenho em remover as pessoas do lugar onde estavam para onde o Dr. Tugwell acha que deveriam estar”¹²¹. A Corte de Apelação dos Estados Unidos, em maio de 1936, declarou inválidas as disposições das Leis de Alocação de Verbas para Auxílio de Emergência de 1934; e, embora tal decisão só se aplicasse ao projeto de implantação de Greenbrook, Nova Jersey, quase ninguém teve dúvidas de que se havia chegado ao fim do caminho¹²². A construção estava praticamente terminada em meados de 1938, quando as três cidades foram transferidas para a Secretaria Federal da Habitação, órgão da República dos EUA; na década de 50 foram vendidas¹²³. Em Greenbelt, de longe a maior das três, o núcleo original da urbanização foi para uma cooperativa habitacional que tratou de mantê-lo intacto; extensivamente (e dispendiosamente) recuperado mediante empréstimos federais efetuados entre 1979 e 1983, consta agora do Registro Nacional de Sítios Históricos. Mas o resto do local, por sinal enorme, tem sido atravessado por grandes estradas e urbanizado aos pedaços por diferentes projetistas, sem qualquer continuidade de estilo¹²⁴.

Em termos puramente quantitativos, as cidades do cinturão verde foram quase um não-acontecimento: “Beneficiar com um meio ambiente atraente apenas 2 267 famílias dificilmente se poderá clas-

sificar como uma realização importante"¹²⁵. E como experimentos urbanísticos, mostraram-se – à semelhança de muitas das coisas feitas por FDR – curiosamente circunspectos: negros foram excluídos; os alugueis, embora moderados, excluam os mais pobres; os gastos por pessoa eram altos; não havia empregos suficientes, as ligações do transporte coletivo com os municípios genitores eram amiúde deficientes; as casas, áreas de estacionamento e lojas estão todas agora pequenas demais para atender às necessidades dos norte-americanos abonados¹²⁶.

Na verdade, elas são menos importantes pelo que fizeram do que pelo que simbolizaram: completo controle federal do projeto, que se sobrepuja inteiramente ao governo local; por conseguinte, outorga de amplos poderes a Tugwell na escolha dos locais; desapropriação por compra compulsória da terra; controle da construção por uma mesma secretaria; e até mesmo, visto que a terra era federal, a eliminação do direito exercido pelas autoridades locais de aumentarem os impostos sobre imóveis. Ao fazerem o que os sucessivos governos britânicos de entre guerras jamais ousaram, na verdade as cidades de cinturão verde forneceram um modelo para as novas cidades do pós-guerra¹²⁷. Não admira que quase todos fossem contra.

Elas constituíram, portanto, algo semelhante a uma exceção nos primeiros quarenta anos do movimento cidade-jardim. Embora a iniciativa privada tenha construído duas autênticas cidades-jardim (Letchworth, Welwyn) e embora as prefeituras tenham por vezes construído cidades-satélites (Wythenshawe, Römerstadt), em nenhum outro lugar se mobilizou dessa maneira um governo para realizar o projeto em toda a sua autenticidade. É um pouco irônico que tudo isso tenha acontecido nos Estados Unidos, o último país onde seria de esperar que acontecesse. Não surpreende, portanto, que tenha fracassado.

NOVAS CIDADES PARA A INGLATERRA: O ESTADO ASSUME O CONTROLE

Tampouco surpreende o fato de que, após a Segunda Grande Guerra, a Europa tivesse novamente assumido a liderança; ou de que, por essa mesma época, tenha o Estado assumido o controle. Mas mesmo então, o risco era grande. Na Inglaterra, Lewis Silkin, o ministro trabalhista recém-empossado, consciente da possível relutância que encontraria entre os colegas em iniciar tal programa, designou, em outubro de 1945, uma comissão para dizer-lhes como essas novas cidades deveriam ser construídas. Na chefia colocou



4.19 *Radburn*



4.20 *Greenbelt*

Os primeiros esquemas Radburn aplicados a bairros inteiros; em Greenbelt, como anteriormente na Alemanha de Weimar, a arquitetura funcional casa-se muito bem com a tradição cidade-jardim-subúrbio-jardim.

John Reith, ex-diretor geral da BBC: homem emotivo, violento, conseguiu ele ofender a grande maioria dos homens públicos britânicos, inviabilizando com isso seu acesso a qualquer tipo de emprego. Um dos membros era Osborn; os outros eram L. J. Cadbury, de Birmingham, e Monica Felton, do LCC, ambos conhecidos defensores das novas cidades.

Dada essa composição, não é de surpreender que em nada menos que três meses a comissão emergisse com recomendações provisórias: as novas cidades deveriam permanecer dentro de um tamanho-limite para 20 000-60 000 habitantes, exatamente como a Town and Country Planning Association (que agora retirara *garden cities* do nome) sempre dissera; deveriam ser construídas, via de regra, por corporações estatais, uma para cada cidade, e diretamente financiadas pelo Ministério da Fazenda. Em certos casos, uma ou mais autoridades locais poderiam encarregar-se da obra; e, no caso de as associações habitacionais carecerem tanto de poder legal quanto de competência, criar-se-iam "associações autorizadas", especialmente constituídas e dirigidas para esse objetivo específico. A Comissão fazia, portanto, seus rapapés a Ebenezer Howard; mas foi sobre a corporação estatal que recaiu "nossa escolha básica no tocante a agenciamento"¹²⁸.

Assim, ironicamente, enquanto de um só golpe resolviam eles o eterno problema de como conseguir financiar as novas cidades, também destruíam a essência do plano de Howard, que era obter fundos para a criação de sistemas previdenciários locais autogeridos. O planejamento de cima para baixo levou a melhor sobre o de baixo para cima; da visão howardiana de cidade-jardim, a Inglaterra ficaria apenas com a casca, sem a substância.

De qualquer modo, Osborn não teve que esperar pela idade de Matusalém para ver o governo dar início às novas cidades; estava com 61 anos quando, no dia 1º de agosto de 1946 (antes mesmo que sáísse o relatório final; da Comissão Reith), a Lei das Novas Cidades recebeu a sanção real; já no dia 11 de novembro, a primeira, Stevenage, era designada¹²⁹. Dessa data até 1950, o governo trabalhista designou treze novas cidades na Grã-Bretanha: oito para a área londrina, duas para a Escócia, duas no nordeste da Inglaterra, uma em Gales, e uma no interior do território inglês. Essa ênfase, mais uma vez, põe em evidência que em 1940, como em 1890, o cerne do problema urbano britânico ainda era visto como basicamente londrino: embora se encarasse com empenho a implantação de novas cidades para Manchester, Liverpool e muitos outros municípios, e se estivessem estudando seriamente terrenos para Manchester em Mobberley e Congleton, no Cheshire, nem as implantações nem os estudos foram aprovados¹³⁰.

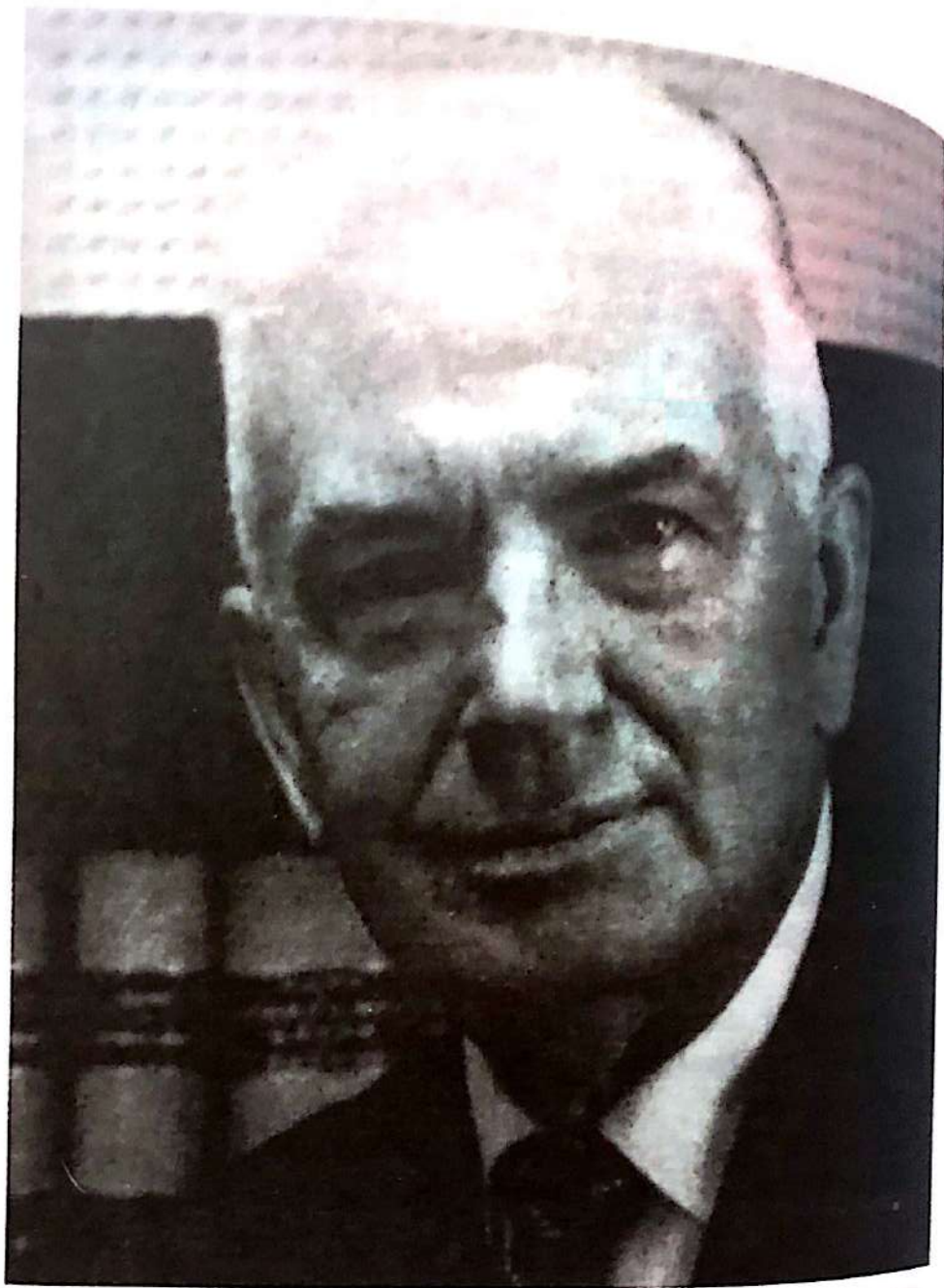
Quatro das oito novas cidades londrinas ficavam num único condado, Hertfordshire; e três delas formam um grupo, ao longo da Great North Road e da principal linha norte de trens de Londres, que lhe corre paralela. Stevenage, a primeira a ser designada, foi logo seguida por Welwyn Garden City, distinguida com os serviços de uma corporação urbanizadora que ela partilhava com a vizinha Hatfield, onde, aliás, uma confusa urbanização implantada ao redor de uma grande fábrica de aviões clamava por solução urgente. E, apesar de toda a sua feroz independência, também Letchworth faz, de fato, parte do grupo; assim aqui, de uma forma única, pode o pesquisador conhecer, no chão, a visão howardiana da cidade social. Cada cidade-jardim está circundada por seu próprio cinturão verde, de tal maneira que cada uma surge como uma comunidade urbana isolada com terra cultivável como fundo. Mas todas as quatro estão ligadas entre si pelos equivalentes modernos da ferrovia intermunicipal de Howard: a linha eletrificada suburbana, que também as liga ao centro de Londres, e a rodovia concluída em meados de 1930. Em poucos minutos é possível passarmos de uma para outra cidade, saindo da rodovia barulhenta e entrando num mundo sereno e verde; nenhuma dessas novas cidades continua nova, e de há muito que a vegetação as envolveu, luxuriamente, amenizando algumas das linhas excessivamente simples do casario construído com orçamento apertado. Nos pormenores, contam-se sofismas aos montes, não há dúvida; mas tudo parece ser e é algo muito semelhante ao capítulo final de *To-morrow*.

O caminho percorrido provavelmente não teria gozado da aprovação de Howard. Na terra mesma de onde brotara, a cidade-jardim via-se agora nacionalizada e burocratizada, como pouco antes o haviam sido as minas de carvão e as ferrovias. O que, em certo sentido, não causa surpresa; o governo Attlee estava comprometido com essa variedade particular de socialismo; Reith, até há pouco plenamente convicto de que sua BBC era o próprio desígnio de Deus em forma de radiodifusão, era homem de repetir a receita no tocante às novas cidades ou a qualquer nova instituição que lhe fosse confiada. E também havia sensatez: se o persistente problema habitacional de Londres continuava, passado meio século, tão grave como naquele exato instante afirmava o Plano para a Grande Londres, de Abercrombie, e se era preciso evitar os erros cometidos entre as duas guerras, então força seria encontrar algum mecanismo resistente e flexível, capaz de passar por cima de interesses locais específicos, se necessário. Quase imediatamente, o tremendo sarilho que se arrou a respeito da designação de Stevenage iria dar relevo à questão. Os irados moradores rebatizaram sua estação ferroviária de Silkingrad, esvaziaram os pneus do carro do ministro quando este veio

defender sua causa, e levaram a briga até a Corte Suprema. Mais tarde, depois de 1951, quando o governo conservador recém-empossado se negou a fazer novas designações, as pressões e tensões decorrentes fizeram com que, em não mais do que uma década, tal decisão fosse revogada¹³¹.

Os comentadores marxistas podem, evidentemente, ter de novo o seu dia de glória: mais uma vez, o estado capitalista estava manipulando o sistema para torná-lo aceitável; as novas cidades haviam-se tornado parte essencial dessa manipulação da previdência social, destinadas que eram a garantir a reprodução da força de trabalho qualificado para as indústrias de alta tecnologia que com tanto entusiasmo para ali se haviam mudado. No entanto, como de hábito, todas essas considerações sequer afloram a rica complexidade do processo decisório. O que havia era um governo trabalhista, novo, vigoroso, radical, levado ao poder não pelas maquinações do sistema capitalista mas pelos votos das forças armadas. E que estava decidido a estrear com alarde. As novas cidades eram parte importante de sua ideologia; o próprio Attlee escrevera a favor do planejamento nacional da cidade e do campo¹³². A máquina publicitária da cidade-jardim, conduzida por Osborn, trabalhava a pleno vapor; e Osborn, ao contrário de seu antigo mentor, batalhara durante um quarto de século a favor de novas cidades estatais. Naturalmente, é possível que todos não passassem de marionetes, de agentes do sistema; difícil, para quem quer que tenha conhecido Osborn, é vê-lo dentro dessa perspectiva.

O fato é que, no processo, muita coisa se ganhou e alguma se perdeu. As novas cidades foram afinal construídas, o que, no imperfeito mundo da política, já constituiu um milagre: oito delas nos arredores de Londres, segundo quase todas as prescrições de Abercrombie e de acordo com um rígido cronograma preestabelecido. É verdade que no início foram criticadas, muitas vezes por gente que antipatizara com elas de saída: sua arquitetura era enfadonha; não tinham o toque urbano; as pessoas que para elas se mudavam, privadas das multidões londrinas e amiúde sofrendo com o atraso na construção de lojas e outras benfeitorias, padeciam da "tristeza das novas cidades". (Esta última constituiu singular curiosidade sociológica; o fenômeno foi detectado não numa das novas cidades, mas em um dos conjuntos-satélites do LCC, inadequadamente planejados e construídos às pressas¹³³; mas os meios de comunicação não perceberam ou não quiseram perceber a diferença.) Também é verdade que as novas cidades absorveram apenas 400 000 pessoas, mera fração do crescimento populacional verificado na periferia londrina entre os anos de 1950 e 1960; os cálculos de Abercrombie não haviam contado com a explosão de natalidade. Dito isso, acrescente-se ape-



4.21 *Rexford Guy Tugwell*

Criador, em meados dos anos 30, das comunidades experimentais de cinturão verde: asperamente atacadas no Congresso por sua inspiração socialista, elas constituíram, no entanto, um modelo para as "novas cidades" subvencionadas pelo governo no pós-guerra britânico.

nas que as novas cidades foram construídas de acordo com o planejado, obedecendo à mais recente versão reithiana do evangelho de Howard; e, tanto quanto se sabe a respeito, não decepcionaram. Ainda hoje constituem lugares bastante bons para trabalhar e viver, e o melhor que delas se pode dizer é que em 1980, quarenta anos depois de implantadas, continuam quase ausentes do noticiário: a mídia só se lembra delas quando (como o *Guardian*, em agosto de 1986) quer escrever sobre um lugar sem problemas.

NOTAS DO CAPÍTULO 4

1. Osborn, 1950, pp. 228-29.
2. Osborn, 1950, pp. 226-27; Stern, 1986, pp. 133-34
3. Marshall, 1884, p. 224.
4. *Ibidem*, p. 229.
5. Booth, 1892, p. 167.
6. *Ibidem*, p. 166.
7. Booth, 1890, p. 128.
8. Stedman Jones, 1971, pp. 305-06, 334.
9. Batchelor, 1969, p. 198.
10. Meyerson, 1961, p. 186; Fishman, 1977, p. 36.
11. Marsh, 1982, pp. 1-7.
12. Darley, 1975, p. 10; Hardy, 1979, pp. 215, 238.
13. Mumford, 1946, p. 37.
14. Howard, 1898, p. 141.
15. *Ibidem*, p. 140.
16. Macfadyen, 1933, p. 37.
17. *Ibidem*, pp. 37-39; Simpson, 1985, p. 14.
18. Culpin, 1913, p. 16; *Ibidem*, pp. 14-17.
19. Jackson, F., 1985, p. 71; Simpson, 1985, pp. 20, 35.
20. Macfadyen, 1933, p. 47.
21. Marsh, 1982, 238-39.
22. Simpson, 1985, p. 34.
23. Macfadyen, 1933, p. 51; Marsh, 1982, p. 234.
24. Miller, 1983, p. 172-74.
25. Creese, 1966, pp. 169-70; Miller, 1981, p. 74; Jackson, F., 1985, p. 41, 168.
26. Jackson, F., 1985, p. 17.
27. Creese, 1966, pp. 184-85.
28. Unwin, 1902, p. 4.
29. Parker and Unwin, 1901, p. 5.
30. Unwin, 1920, p. 225.
31. *Ibidem*, p. 9.
32. *Ibidem*, p. 287.
33. *Ibidem*, p. 294.
34. Jackson, F., 1985, p. 73; Co-Partnership Tenants, 1906, pp. 70-71; Abercrombie, 1910a, p. 119.
35. Parker and Unwin, 1901, pp. 96-97, 106; Hayden, 1984, pp. 126, 129.
36. Jackson, F., 1985, p. 73, 109-10.
37. Reiss, 1918, pp. 85-86.
38. Jackson, 1973, p. 78.
39. Barnett, 1918, p. 205.
40. Abercrombie, 1910a, p. 32.
41. Creese, 1966, p. 227.
42. Jackson, 1973, p. 79.
43. Unwin, 1912, p. 6.
44. Creese, 1966, p. 239.
45. *Ibidem*, p. 223.
46. *Ibidem*, p. 234.
47. Abercrombie, 1910a, p. 20.
48. Culpin, 1913, *passim*.
49. *Ibidem*, p. 5.
50. Purdom, 1921, p. 33.
51. *Ibidem*, p. 34; Osborn, 1970, pp. 9-10.
52. Osborn, 1970, p. 8; cf. Hebbert, 1981, p. 180.
53. Macfadyen, 1933, pp. 115-21; G. B. R.C. Geographical Distribution, 1938, *passim*.
54. Creese, 1966, p. 255.
55. *Ibidem*, p. 261.
56. *Ibidem*, p. 266.
57. Caro, 1974, pp. 10-11; Jackson, K. 1985, pp. 166-67.
58. Gregg, 1986, pp. 38, 41-42.

59. Mawson, 1984, p. 195.
60. Parker, 1932, p. 40.
61. Macfadyen, 1933, p. 104; Sheail, 1981, pp. 125-26.
62. Sheail, 1981, p. 126.
63. G.B. R.C. Geographical Distribution, 1938, Q. 7221.
64. Osborn, 1937, p. 51.
65. Osborn, 1938, pp. 100-02.
66. Osborn, 1934, pp. 5-6.
67. Hughes, 1971, p. 271.
68. Soria y Pug, 1968, pp. 35, 43, Fig. 7.
69. *Ibidem*, Figs. 2-10.
70. *Ibidem*, 1968, pp. 44-49, 52.
71. Wiebenson, 1969, pp. 16-19; Veronesi, 1948, p. 56.
72. Banham, 1960, pp. 36-38.
73. Bergmann, 1970, pp. 145-47; Hartmann, 1976, p. 33.
74. Reiner, 1963, pp. 36-38; Peltz-Dreckmann, 1978, p. 45.
75. Peltz-Dreckmann, 1978, pp. 45-47.
76. Benoît-Lévy, 1904; Batchelor, 1969, p. 199.
77. Read, 1978, pp. 349-50; Swenarton, 1985, p. 54.
78. Read, 1978, pp. 350-51; Evenson, 1979, pp. 223-26.
79. Kampffmeyer, 1908, p. 599.
80. Peltz-Dreckmann, 1978, p. 50.
81. Kampffmeyer, 1908, p. 595.
82. Bergmann, 1970, pp. 169-71.
83. Yago, 1984, pp. 87-88, 94, 98-99.
84. Fehl, 1983, pp. 188-90.
85. Gallion and Eisner, 1963, p. 104.
86. Fehl, 1983, p. 191.
87. *Ibidem*, p. 186.
88. *Ibidem*, p. 190.
89. Uhlig, 1977, p. 56.
90. Ravel and Knöfel, 1968, p. 193.
91. Lane, 1968, p. 104.
92. Rave and Knöfel, 1968, p. 146.
93. Rave and Knöfel, 1968, p. 79.
94. Hartmann, 1976, p. 44.
95. Cooley, 1909, pp. 23, 408-09.
96. Woods, 1914, pp. 17-18, 20-21.
97. Lubove, 1962b, p. 205.
98. Perry, 1929, pp. 90-93; 1939, pp. 205-09, 217; Mumford, 1954, p. 260; Lubove, 1962b, p. 207.
99. Perry, 1939, p. 214; Lubove, 1962b, p. 207.
100. Perry, 1939, p. 65.
101. Perry, 1929, p. 31.
102. *Ibidem*, pp. 34-35.
103. Perry, 1939, p. 211.
104. Stein, 1958, p. 21.
105. Mumford, 1982, pp. 411-21.
106. Stein, 1958, pp. 39-41; Schaffer, 1982, p. 147.
107. Cit. Schaffer, 1982, p. 156.
108. Stein, 1958, p. 48.
109. *Ibidem*, p. 44.
110. Schaffer, 1982, pp. 173-74, 177.
111. Stein, 1958, pp. 39, 41, 68-69; Schaffer, 1982, pp. 149-50, 150, 186-87.
112. Stein, 1958, p. 69.
113. *Ibidem*, pp. 189-90, 193, 198.
114. Hayden, 1984, pp. 10-11; Moore, Becker and Campbell, 1984, p. 282.
115. Myhra, 1974, pp. 178-81; 1983, p. 231; Jackson, 1985, p. 195.
116. MacFarland, 1966, p. 221; Arnold, 1971, pp. 24-26; Myhra, 1974, p. 181; Weaver, 1984, p. 228.
117. Conkin, 1959, p. 307; Arnold, 1971, pp. 26, 201.
118. Conkin, 1959, p. 308; Glaab and Brown, 1976, p. 277.
119. Myhra, 1974, pp. 183-85; 1983, p. 241.
120. Arnold, 1983, p. 199.
121. Arnold, 1971, pp. 31, 197, 209.
122. Myhra, 1974, p. 185.
123. Conkin, 1959, pp. 322-25.
124. Arnold, 1983, pp. 201-02, 204.
125. Glaab and Brown, 1976, p. 278.
126. Stein, 1958, p. 130; Arnold, 1971, pp. 143-44, 153; Wilson, 1974, pp. 156-60; Arnold, 1983, p. 202.
127. MacFarland, 1966, pp. 219-23.
128. G. B. Ministry of Town and Country Planning, 1946, p. 11.
129. Cullingworth, 1979, pp. 29-30.
130. Cullingworth, 1979, pp. 95-101, 112.
131. *Ibidem*, pp. 27-31, 127, 165; Collings, 1987, pp. 14-19.
132. Wilde, 1937, p. 24.
133. Jefferys, 1965, pp. 207-55.